



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

110

TÍTULO DA PEÇA: " BRASÍLIA DE TODO MUNDO "

AUTOR: " ALFREDO RIBEIRO & NESTOR CAVALCANTE "

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CX01

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas

NESTOR ESTACIO AZAMBUJA CAVALCANTI, brasileiro, solteiro, advogado, residente e domiciliado nesta Capital, à Av. W3, Q. 23, casa 23 ~~4~~, desejando promover a apresentação no Grill-Room do Brasilia Palace Hotel, a partir do próximo dia 3 de Janeiro, a REVUETE "BRASILIA DE TODO O MUNDO", de sua autoria e de ALFREDO RIBEIRO, vem requerer a V.S. se digne determinar a censura da referida peça para todos os fins de direito.

Declara, outrossim, que, sendo filiado à SBAT e SBACEM, já obteve das aludidas sociedades a autorização para a exibição da peça.

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
M. J. N. I.
SERVIÇO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVO
29 de Dezembro de 1964
Salvador



Brasilia 22
Jan de 1964
Neucent

M. J. N. I. - D. F. S. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
PROTÓCOLO SOB N.º
EM
INTERESSADO

M. J. N. I. - D. F. S. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
PROTÓCOLO SOB N.º **13557**
EM **29/12/64**
INTERESSADO *Nestor*
Reisenthal
FUNÇÃO LÍBRIO
Leandro Filho

PRIO
ATE
4 ANOS

Exmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do Distrito Federal

NESTOR ESTACIO AZAMBUJA CAVALCANTI, brasileiro, solteiro, advogado, residente e domiciliado nesta Capital, autor da peça BRASÍLIA DE TODO O MUNDO, em parceria com ALFREDO RIBEIRO, ora em exibição no Grill-Room do Brasília Palace Hotel nesta Capital, desejando incluir no roteiro da referida peça uma alegoria alusiva à Espanha, na parte compreendida pelo prólogo, vem requerer a censura do "script" competente em anexo (I).

Requer, outrossim, permissão para incluir no mesmo roteiro um quadro denominado "Favela do Tamboril", que figura na peça, dos mesmos autores, "BRASÍLIA! MEIA VOLTA, VOLVER!", já censurada, com a inclusão do monólogo anexo (II)

POR SER DE DIREITO E JUSTIÇA,
PD.

Brasília, 17 de fevereiro de 1965

Nestor Estacio Azambuja Cavalcanti

SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	459
1 m.	18/2/1965
Interessado	Nestor
	<i>Francisco</i>
	Protocolista

DEPARTAMENTO FEDERAL DE CENSURA PÚBLICA	
M. J. N. I.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
APPROVO	
18 Fevereiro de 1965	
<i>[Signature]</i>	

"BRASILIA DE TODO O MUNDO"

[Handwritten signature]

PRÓLOGO : Alegoria à Espanha.

(Apresentado por um casal de espanhóis, devidamente caracterizados - Fundo musical típico) - (Jeziel Motta e Leda Iracema)

Declama Jeziel Motta:

"Nós somos um pouco de Espanha
"E a nossa alma aragonesa
"Tem muito de Madrid, Toledo e Sevilha
"Mas os nossos corações também candangos
"Amam, vivem e vibram por Brasília."

.....

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
M. J. N. L.
SERVIÇO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS

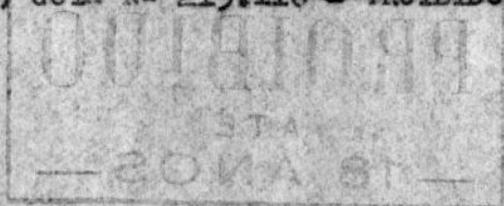
APPROVO
18 de Fevereiro de 1965
[Handwritten signature]

PROGRAMA : AUDIÇÃO DE MÚSICA

A DIRETORIA
BRASÍLIA-DF.

XXXXXXXXXXXXX A PROVAR

O REPERTÓRIO MUSICAL REPRESENTADO PELA (SBAT) GUIA Nº 215.116 - PROIBIDO
PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.



29

MARÇO

65

Sebastião F. de Souza

~~19/64~~ 19/64

PROGRAMA: PEÇA TEATRAL

" BRASÍLIA DE TODO O MUNDO "

ALFREDO RIBEIRO E NESTOR CAVALCANTI

NOS DIAS 3 A

XXX 31 JANEIRO 65

29 — DEZEMBRO 65

Pedro y Chediak

PEDRO JOSÉ CHEDIAK-

IMPRÓPRIO
ATÉ
14 ANOS

M. J. N. 1. — DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

49/91

01

019

01

DA PEÇA TEATRAL " BRASÍLIA DE TODO O MUNDO "

BRASÍLIA PALACE HOTEL

ALFREDO RIBEIRO E NESTRO CAVALCANTI

CENSURADO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1964

A REFERIDA PEÇA TEATRAL, DE ACÓRDO COM O ART. 4º DO DECRETO 1023, DE 17/5/62 - (GUIA DA SBAT Nº 215144)

XXXXXXXXXXXXX APROVAR

(IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS)

IMPRÓPRIO
ATÉ
— 14 ANOS —

29

DEZEMBRO

64

IMPRÓPRIO
ATÉ
14 ANOS

1/65

PROGRAMA: PEÇA TEATRAL " BRASÍLIA DE TODO MUNDO "

BRASÍLIA PÁLACE HOTEL

ALFREDO RIBEIRO E NESTOR CAVALCANTI

PARA OS DIAS 5 DE FEVEREIRO A

xxx 6 MARÇO

65 (UM MÊS)

5 FEVEREIRO

65

PEDRO JOSÉ CHEDIK

IMPLÓPRIO

ATÉ

14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0002, p. 11

01

01/65

01

DA PEÇA TEATRAL : "BRASILIA DE TODO O MUNDO"

BRASÍLIA PÁLACE HOTEL

ALFREDO RIBEIRO E NESTOR CAVALCANTI

29 DE Z E M B R O 64

XXXXXXXXXXXXX APROVAR

A REFERIDA PEÇA TEATRAL, DE ACÔRDO COM O ART. 1º DO DECRETO 1023, DE
17/5/62 (AUTORIZAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, SOB Nº
215076) - IMPRÓPRIO ATE 14 ANOS

5

F E V E R E I R O

65

COMA NI



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação

Autorização Nº 215076

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto nº 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto nº 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto nº 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto nº 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto nº 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

Original de Alfredo R. Seixas e Nester Cavalcante

Música de Simpia

Tradução de BRASILIA DE TODO MUNDO =

No Teatro Winter Palace Cidade BSB

nos dias 5 Fev. a 6 Maio 1965

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de _____ % _____ da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.



(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto N. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes a propriedade literaria e artistica nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto N. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmittentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados a apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 de Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente procedida da indicação dos nomes dos autores.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação

Autorização Nº 215118

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto nº 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto nº 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto nº 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto nº 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto nº 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

= BRASÍLIA DO TODO O MUNDO =

Original de ~~BR~~ ALFREDO RIBEIRO E NESTOR CAVALCANTI

Música de OS MESMOS

Tradução de — X —

No Teatro CINE T. PARANÓIA Cidade TAGUATINGA

nos dias 09/04/65

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

15% da renda bruta de cada espetáculo, mediante

garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Insenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto N. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabeirão público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto N. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarês, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 de Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente procedida da indicação dos nomes dos autores.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação

Autorização Nº 215116

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

= *BRASÍLIA DE TODO O MUNDO* =

Original de *ALFREDO RUBARO E NESTOR CAVALCANTI*

Música de *OS MESMOS*

Tradução de *X*

No Teatro *CINÉ CULTURA* Cidade *D.F.*

nos dias *30/31/03/65 E 01/02/ABRIL*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% *X* da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ *18 Pontonas* por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Instituída de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto N. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabellação público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto N. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissantes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 de Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente procedida da indicação dos nomes dos autores.



Bloco 8-7º

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filial à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação**Autorização Nº 215113**

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4790, de 1-12-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

Original de Alfredo Ribeiro e Nita CabralanteMúsica de — " — " — "Tradução de Brasília de Todos MundosNo Teatro Brasília Palace Hotel - B.S.B. Cidadenos dias 6 a 30 Março 1965

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

15 % (quinze) da renda bruta de cada espetáculo, mediantea garantia mínima de Cr\$ 120.000 — por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Insenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto N. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabeção pública, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto N. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, applicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissões tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 de Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente procedida da indicação dos nomes dos autores.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação

Autorização Nº 215144

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto nº 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto nº 4.790, de 2-12-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto nº 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto nº 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto nº 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

Original de ALFREDO RIBEIRO e NESTOR CAVALCANTE

Música de " " " "

Tradução de "BRASILIA de TODO o MUNDO"

No Teatro Brasília Palace Hotel Cidade Brasília

nos dias 3 de Janeiro 1965 a 31 Janeiro 1965

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

15 % (quinze) da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ valor de zero (00) reais ou mais por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Insenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto N. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelação público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto N. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmittentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 de Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente procedida da indicação dos nomes dos autores.

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do
Departamento Federal de Segurança Pública

Figueroa

NESTOR ESTACIO AZAMBUJA CAVALCANTI, autor teatral filiado à SBAT, infra-assinado, desejando promover a representação da peça de sua autoria e de ALFREDO RIBEIRO, "BRASILIA DE TODO O MUNDO", já censurada, em diversas localidades do País, com enxêrto da música, dos monólogos e dos esquetes em anexo, vem requerer a V.S. se digne determinar seja submetido a aprovação o novo roteiro da peça (Doc. I) conforme programa incluso. Esclarece, outrossim, que os monólogos e esquetes aludidos fazem parte do roteiro das peças dos mesmos autores, "BRASILIA ZERO HORA", "BRASILIA MEIA VOLTA VOLVER" e "CIDADE CÉU" já censuradas e registradas nesta repartição.

PD.

Brasília, 4 de maio de 1965

Nestor Estacio Azambuja Cavalcanti

M. J. N. I. — D. F. S. P.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	1008
Em	8. 1. 8. 1965
Interessado	Nestor Estacio Azambuja Cavalcanti
	<i>[Assinatura]</i>

A cursora Maria ~~Almeida~~
~~da~~ Silvia B. Rozina
 para examinar cuidadosa-
 mente o rotulo, alertando
 a chefia para qualquer
 critica politica, a cudos
 religiosos ou a autoridade
 des constituidas.

Em 5/5/65

Souza

Maria Almeida

Observação: Recomendamos ao autor não usar as siglas: Sab. D. S. H. S. etc.

M Almeida



PROGRAMA E ROTEIRO DA PEÇA "BRASILIA DE TODO O MUNDO"

- I)- OUVERTURE : Orquestra
- II)- PRÓLOGO: 1- Boa madrugada
2- Japão
3- Grécia
4- Portugal
5- França
6- Arábia
7- Caribe
8- Itália
9- Espanha
- III)- AVANT-PRÓLOGO: Arautos.
- IV) - CORTINA: Monólogo do carnet .
- V)- QUADRO: Quem bom ser mulher!
- VI)- CORTINA: Desabafe a doméstica.
- VII)- QUADRO: Burlata de um fim de carnaval.
- VIII)- CORTINA: GTB do Céu.
- IX)- CORTINA: Canto: Marcha de Goiânia.
- X)- QUADRO: Farmácia da Asa Norte.
- XI)- CORTINA: Monólogo do telefone.
- XII)- QUADRO: Favela do Tamboril.
- XIII)- CORTINA: Monólogo do poste.
- XIV) - CORTINA: Samba falado.
- XV)- QUADRO: E o espírito baixou.
- XVI)- CORTINA: Último estertor (paródia).
- XVII)- AVANT-FINAL: Vozes B' alma candanga.
- XVIII)- BRASILIA DE TODO O MUNDO-FINAL: côro.

GOIÂNIA

Marcha

Nestor Cavalcanti

Alfredo Ribeiro

BIS

| Goiânia! O teu céu puro anil
| Acende sonhos fascinantes
| Na minh'alma comovida
| Que pulsa de amor.
| Rainha, do agreste sertão,
| Terás pra sempre um cantinho
| Guardado no meu coração.

O teu jeitinho brejeiro,
Cidade menina,
Nos põe a sonhar.
Porisso o sol à tardinha
Demora no horizonte,
Querendo te adorar.

.....

(1)

ELETRICISTA- APAGA INSTANTÂNEO ENQUANTO ABRE A CORTINA PARA O 2º QUADRO PENUMBRA E A LUZ SÓ SERÁ ACESA AO QUARTO QUANDO DA ENTRADA DE LACY.

CENOGRAFIA

O SEGUNDO QUADRO SE PASSA NUM QUARTO DE LHOÇA TENDO SÓBRE UM MOVEL QUALQUER UM RADIO.

LACY (ENTRANDO,ACIONA INTERRUPTOR)-Brasilia! Zero Hora! A Cidade dorme, e nãoix há outro recurso, senão dormir, também. Ou então fofocar. (EUREKA) Ah! já ia me esquecendo de ligar para o consulado da fofocolândia. (TOMA O TELEFONE E DISCA) Alô! De onde fala? (PAUSA) Como vai o Biriba? Tá animado? (ESPANTO) Não ne diga! A Ruth perdeu o ordenado do marido que ela ainda vae arranjar. É? Então desta vez tem de ser um muito rico. (PAUSA) Essa não! Perdeu o mandato e tá na lona. É caçaram-lhe tudo, a boca a mão, tudo tudo. (TOM) Mas meu bem a Magalete está aí? (TOM) Quer fazer o favor de chamá-la? (PARA PLATEIA) Essa Magalete é de morte. (VOLTA) Magalete! Olha queridinha, o seu marido já foi para casa. Eu hoje soltei-o mais cedo. (PAUSA) O que? O que é que tu vais fazer com o Ricardo? Eu sei lá. (PAUSA) Manda-o pra casa dele, afinal a mulher dele também tem que dar u'a mãozinha. (PAUSA) Mandá-lo pra qui? Tu estás louca. (PAUSA) Não! Nada disso. (PAUSA) A mulher dele acaba concordando. Ela disse lá no cabelereiro que o Ricardo só leva pra casa cansaço e apetite. Como come o rapaz. (PAUSA) Então enquanto ela não concordar com o desquite, tu te viras. Afinal não nasceste quadrada. (PAUSA) Tá bem, se estiveres serena amanhã, então falaremos. (TOM) BAY, BAY. (DESLIGA VOLTA A PLATEIA) Sim senhor-Brasilia Zero Hora.

Uns desligam a televisão, outros cobram o Barato do Biriba, muitos como não tem com quem conversar, conversam com a mulher mesmo. (TOM) É um sacrificio, mas na falta de tú, vae tu mesmo. Mas as Zero hora, uns se fazem de sonâmbulos e pulam...pulam janelas, pulam cercas, (TOM) mas a veneranda figura de Sua Excia, olha o relógio, pula da cama, se levanta pega o processo e vae...vae para sua casa. (PAUSA) E eu? Brasilia zero hora...ligo o radio (LIGA O RADIO) visto o baby dool - (ORQUESTRA) (PIANINHO)

LACY - AMEAÇA DESPIR-SE

WANDERLEY - (OFF)(LOCUTOR) O Departamento de força e luz avisa que vae desligar por algumas horas as luzes das super quadras 107 e 108.

ELETRICISTA - DESLIGA-DURANTE A PALA DO PAU DE ARARA WANDERLEY)

WANDERLEY- (PAU DE ARARA) O T.V. de candango miserave. No mió da festa fura o fute fole.

ORQUESTRA - (ACORDE)MAQUINISTA - (FECHA A CORTINA)

ELETRICISTA - ~~XOXOX~~ ACENDE RIBALTA

ORQUESTRA - (PREPARAÇÃO) ENTRADA DE MUCURY

MUCURY (ENTRA BÊBEDO CARREGANDO POSTE DE BRASÍLIA) (CARICATURA)

MUCURY Tem poste bebo aí

Tem poste bebo aí

Foi n'ua esquina

que esse poste encontrei

Esbarrei

quase bati

Mas a turma lá de traz

gritou...

Tem poste bebo aí

tem poste bebo aí.

(MONOLOGANDO) Eu gostei tanto desse poste que vou levá-lo pra minha casa,

(TOM) Mas ocê tá um bocado bebo hein? (CANTA) Cada colega de infortunio um gran-

de amigo (TOM) Ele deve tá desgostoso, os cachorros fazem cada uma com o pobre-

zinho. (TOM) Ceitadinho, nem parece poste, parece mais uma escova de dente,

ou escova de escovar as costas, a gente só sabe que é poste, porque ele às

vêzes acende, ou um cachorro tira na pinta, ou um carro bate e aí vem logo a

linguagem parlamentar: quem mandou colocar esse poste no caminho. (TOM) E aí

já sabe, quem paga o pato, é o D.F.L. Vem logo a bronca que o D.F.L. é isso,

que o D.F.L. é aguilão. (TOM) Mal agradecidos. (TOM) É que essa gente não sabe

a força que o D.F.L. faz pra dar a luz.

ORQUESTRA (ACOMPANHA PARODIA CHÃO DE ESTRELAS)

MUCURY Minha vida

era um poste iluminado

bem pintado, prateado,

poste das perdidias ilusões.

Cheio dos caveás da cachoeira

que parou que bandalheira

entre as p almas febris de arrumações

Hoje quando a Celg por maldade

corta a luz sinto saudad}

da usina atômica que gorou

Nessa lampadas comuns dependuradas

quase sempre apagadas

parece um estranho funeral

Festa de postes apagados

mostrando mal iluminados

que o negocio assim vae mal.

(TOM) Mas pensando bem, essa gente queixa sem razão. É verdade que o D.F.L.

muitas vezes pifa, mas às vezes, mas também às vezes ele se espreme, contorce,

mas dá a luz. É é providente, pois quantas vezes ele não deixa as lampadas

ligadas o dia inteiro, pode parecer desperdicio, mas não é não, é que o D.F.L.

tá de olho, pode ser que desliguem o sol, aí o D.F.L. já tá ligado.

(continuação MUCURY)

Não houve ainda o caso, mas se houver, falta de sol, o D.F.L. não falta. Mas quando desligar a lua, aí o D.F.L. é solidário, desliga também. É de estranhar essa solidariedade, se a lua é cheia, o D.F.L. enche, se a lua é crescente o D.F.L. cresce, mas se é minguante, o D.F.L. mingua. (TOM) Mingua tanto, que a gente tem que acender um fosforo pra ver se a lampada está acesa ou não. O D.F.L. é o parlamentar mais importante que tem aqui, nem pensaram em caçar o seu mandato, porque no dia que ele não assina a lista de presença ou se retira do plenário, não tem mais votação, nem tem mais seção, não tem... num tem não tem, nem!

O D.F.L. é filho da Novacap, pertence a uma irmandade de numerosa, incompreendida, falada... O D.F.L. é irmão da S.A.B. como falam dessa senhora. De Dona SAB pintam com piche o retrato. Falam da moral deste senhora coisas horríveis, (TOM) mas também não deve ser tanto assim, (TOM) pode ser que seja muito mais. (TOM) Mas que família visada. O outro da irmandade é o D.T.U.I., coitado como falam desse rapaz. É verdade que ele tem seus pecados mas também tem suas virtudes: cruza as linhas e a gente fica sabendo como a sociedade tem gente com as linhas cruzadas, quantas linhas que a gente pode ser exclusiva, no entanto tem uma, duas, três, quatro e até mais extensões clandestinas por aí. (TOM) Mas o D.T.U.I. é correto pra ele tá tudo certo; se um cara que a gente nem nunca soube que existe, ligar para o Rio e dar o nosso numero, o DTUI não erra, isto é cobra certinho.

Cobra de quem não falou, e até que o sujeito prove que o poste de Brasília não é escova de dentes de dinossauro, ele vai entrando, entrando mais que a T.C.B. entra na contra-mão. (SAINDO) É uma família só. Todos irmãos.

D.F.L. - D.T.U.I. - T.C.B. - S.A.B. e D.A.E. é o fim.

ORQUESTRA - (FIRIM FIMFIM)

MUCURY

Firim Fimfim
toda a familia
é mesmo assim

ELETRICISTA (APAGA E/SAIDA)

MAQUINISTA - (ABRE AS CORTINAS)

CENA DE FARMACIA

SUZAN Bom dia seu Polidoro. O senhor agora está aqui?

FARM. Parece-me

SUZAN Mas a sua quitanda na asa norte? Não ia tão bom o negocio?

FARM. Ia nada, ninguém comprava nada. Verdura ninguém comprava, porque carne lá é mato. E todo mundo só comia carne.

SUZAN Mas se lá não tem agougue.

FARM. Carne de táá dona. É só ir buscar lá nos buracos do eixo.

SUZAN E lá tem tanto tatu assim?

FARM. Tem tanto tatu que chega a fazer buraco dum lado ao outro do eixo.

SUZAN Aquilo não é buraco. São os tuncéis dos trevos. Não é tatu. É a Prefeitura.

FARM. A Prefeitura pode não ser tatu, mas é da mesma familia. O que a senhora quer?

SUZAN Ah! É a minha filha. Ela está esperando nenem e está sentindo muita tonteira...O senhor tem algum remedio bom?

FARM. Deixe ver...Olha aqui tem esse...muito bom...duas colheres de sopa em jejum.

SUZAN Mas isso não é remedio, isso é pra lavar, é detergente!

FARM. Então dona remedia ~~antiga~~ deter gente.

ENTRA OUTRA FREGUESA (BATIA)

BATIA Bom dia! O senhor tem um remedio bom para tirar espinhas? Eu preciso que estas espinhas saiam.

FARM. Tenho um muito bom. Frances, um tal de Rubinat.

BATIA Mas isso é purgante.

FARM. É o que é que não sei com purgante.

ENTRA OUTRA FREGUESA (SORAIA)

SORAIA (APRESSADA) Depressa! Depressa!

FARM. Um momento

SORAIA Por favor me atenda. Ai eu não posso mais.

FARM. Vá lá na ~~pedviaria~~ debaixo da escada rolante.

SORAIA Mas espere não é nada disso que o sr. tá pensando.

FARM. Eu não estou pensando ~~nao~~. Eu estou sentindo o que a sra. tem. A senhora está toda suada. Isto pra senhora enxugar a testa.

SORAIA Fudera! Estou com uma dor que não para.

FARM. Não para? Nem pra descansar?

SORAIA Doi nas costas, passa pro pescoço. Doi nas costas depois vai pro peito. Depois ainda pra barriga depois vae pra ai ai ai. O senhor não tem um remedio aí?

FARM. Deixa ver...Olha aqui tem um bom.
 SORAIA Mas isso não serve, é pro cabelo, é um fixador.
 FARM. A senhora não quer que a dor deixe de andar? Pois é, isto é um fixador, o nome já tá dizendo a dor fica parado num lugar.

ENTRA OUTRA FREQUESA

WALKERIA Bon dia.
 FARM. Bon dia, o que é que deseja?
 WALK. O sr. está notando alguma coisa?
 FARM. Não tô notando muito não.
 WALK. Quer que eu chegue mais pra perto?
 FARM. Não. Dá uma voltinha que é melhor.
 WALK. O senhor não entendeu. é no meu rosto essas manchas. O senhor tem algum remedio pra tirar?
 FARM. Deixa ver...Eu tenho aqui um muito bom. Frances. Rubinat.
 WALK. Mas isso é purgante.
 FARM. Claro. A senhora não quer remedio pra tirar manchas?
 WALK. Simmas...
 FARM. E o que é que purgante não tira?

A... C/S... DO... ABRIL
 ...

M. LITA - Dona Clotilde, como vai?

ABRIL - Dona não! Da sou madame, ainda não me
 tornei dona por pela propriedade de um homem isto é, pelo casamento, e muito
 menos pela idade.

M. LITA - (SABOIA) Desculpe Clotilde, eu quis apenas
 ser respeitosa.

ABRIL - E você é respeitável?

M. LITA - (SABOIA) Claro! eu você...

ABRIL - Que vanta eu... É muito fácil ser respeitável
 quando não se pode ser outro coisa.

M. LITA - (SABOIA) Clotilde! Você tem certeza que eu sou
 respeitável?

ABRIL - (P/ O...) Também com esta cara, ela não
 tem outro recurso ter um ser respeitável mesmo.

M. LITA - Hei Clotilde, você já fez as compras?

ABRIL - Já! Já passei as mesmas decepções de todos os
 dias.

M. LITA - Como assim?

ABRIL - Comprei só o que eu não queria.

M. LITA - Da não entende Afinal você tem o direito de
 escolher. Tem toda a liberdade para escolher. Não tem nenhuma discriminação.

ABRIL - A... DA CASA... ? Olha! Aqui a gente tem
 o direito de escolher o que quer, uma vez que coincide com o que a SAB quer.

M. LITA - E... carro você comprou.

ABRIL - Ah! Carro comprei (SABOIA). Comprei carro de
 peçoço.

M. LITA - Porque Clotilde?

ABRIL - Porque o filot ôles vendem todo para certos
 restaurantes.

M. LITA - E podem fazer isto?

ABRIL - Poder não pode, mas dão um jeito. Isso novo
 é carne de peixeço.

M. LITA - Por falar em peixeço, como você tem se agitado
 com a fila do leite

ABRIL - Para... !

M. LITA - Para... !... O que é isto?

AIRIL - Furo a fila e caio na frente.

M. LINA - Fura a fila ? E não reclama ?

AIRIL - (CLAMOR) ah. | Uma mulher bonita tem sempre a desculpa de ser uma mulher!

M. LINA - Tu tenho medo!

AIRIL - Medo ? Medo de que ?

M. LINA - De um maluco desse fazer uma desfeita; Nos estamos cercados de malucos.

AIRIL - E outro erro !

M. LINA - (ESPANTO)

AIRIL - É um erro acreditar que estamos cercados de malucos. (TOC) Embora seja verdade (TOC) Mas como aqui não tem hospício a gente finge que não tem também. Ignora. Ignora.

M. LINA - Quer dizer que o melhor é ignorar certas coisas.

AIRIL - Certas não, todas.

M. LINA - É ignorância, e não é burrice;?

AIRIL - E. É. Mas aqui, a burrice é uma instituição. Há nestas aqui que se vos obriga-las a pensar, é um perigo.

M. LINA - Perigo ? Porque ?

AIRIL - Porque tem-se que chamar o Departamento de Águas e Esgoto pra canalizar as ideias, porque eles só tem ideias de... de... di... didi.

M. LINA - Clotilde, você parece dececionada.

AIRIL - Dececionadíssima... Agora só penso em mim.

M. LINA - Deixa disso! Olha que não vale a pena pensar em coisas inúteis.

AIRIL - É por falar em coisas inúteis, como vai o teu marido ?

M. LINA - (DISPENSADO) Qual ?

AIRIL - Quando eu falo do marido, me refiro ao que está no exercício do cargo, não estou pensando em encontrar nenhuma / suplente.

M. LINA - Então, ele ainda uma fera, diz até que pegou a cabeça, eu estou preocupada.

AIRIL - Não fique não! Os homens são assim mesmo. Quando pegam a cabeça, não acham nada que perder a vergonha.

M. LINA - Que é isto você tem ódio dos homens ?

M. RITA - Não ! Não é ódio dos homens.

M. LINA - De que é então.

M. RITA - ... da velocidade dos desgraçados. Quando eu estou em cima de um... ele espira e não se importa com o excesso de velocidade, como corre...

M. LINA - Qual, os homens não são tão ruins.

M. RITA - Quando eles não são de todos ruins, se esforçar.

M. LINA - Como assim ?

M. RITA - Quanto esforço fazem os homens ruins para serem piores ~~xxxx~~ ainda.

M. LINA - Ah. Coitado dos homens eles são tão engraçadinhos.

M. RITA - São umas gracinhas entendem tudo a seu modo. Só porque Jesus disse: ama o próximo como a ti mesmo, eles entendem que o próximo é a mulher que trabalha ao lado dele. As secretarias deviam ter dois salários.

M. LINA - Porque dois salários ?

M. RITA - Um pelo trabalho, outro pela aproximação.

M. LINA - Bem eu vou chegando porque tenho que levar roupa para a lavanderia.

M. RITA - (SUSPIRO) O que ! E Você vai à lavanderia? Você é da O.D.D ?

M. LINA - O.D.D. ! O que é isto ?

M. RITA - O.D.D. Ordem de dedo duro.

M. LINA - Estou por fora.

M. RITA - Mas podes crer. É melhor lavar em casa mesmo.

M. LINA - Eu não entendo. Explique-se.

M. RITA - Então você não sabe que a lavanderia ~~xxxx~~ institucional botou os tanques na rua e começou a lavar roupa suja.

M. LINA - Encontrou muita sujeira ? Pescou muita coisa ?

M. RITA - Uma porção de lamangas, mas também pegaram cada tubarão (D.D.) Digo: por aí que tem um pedaço de baleia na rede.

M. LINA - E você acredita que baleia cai na rede ?

M. RITA - (SUSPIRO) Eu já vi coisa de tanto admirar já vi padre comunista e vi comuna comunista.

M. LINA - E você eles esqueceram ?

ATRIZ - Eu sou sempre esquecida até por Santo Antonio que não esquece de ninguém.

M. LINA - Esqueceu de você ?

ATRIZ - Esqueceu!... Nunca lembrou de mim. Na minha vez, dá sempre uma amnésia no santo que ele se esquece.

M. LINA - E você não lembra.

ATRIZ - Se lembro, quando eu vou rezar pra Santo Antonio e fico cantando zum, zum.

Tá faltando um

M. LINA - E o santo?

ATRIZ - Nem se manca,...

M. LINA - Porque ?

ATRIZ - (CHORA) Porque falta um dedo duro na ~~minha~~ minha vida.

M. LINA - Pra que ?

ATRIZ - Pra apontá pra Santo Antonio; (TRANS.) E aquela, e aquela (CHORO ESCANDALOSO)

M. LINA - Porque está chorando ?

ATRIZ - Eu sempre estive em disponibilidade e estou vendo que o mandato caduca e me aposentam sem as sanções penais.

ELETRICISTA - (BLACK OUT)

ORQUESTRA - (ACORDE)

CAK

COMUNICADO DE SERVIÇO

XXXXX

MUCURI - (A C.M.) Eu gosto de ver como a repartição funciona perfeitamente harmonicamente aqui em Brasília. Funciona tudo perfeito na engrenagem.

ARIÉ - (MARIÉ) COM O PROCESSO DO SENHOR SEU GARDINHA: Seu Gardinha!

MUCURI - PRONTO dona Cocoroca!

ARIÉ - O diretor mandou este processo para ser anexado ao de nº 18932.

MUCURI - Então temos que mandá-lo para o Rio porque o 18932 está anexado ao 1528 que está no Rio.

ARIÉ - Mas o diretor disse que é para anexar aqui.

MUCURI - A senhora diga a ele que nem sempre é impossível acontecer o que é impossível anexar aqui este aos outros.

ARIÉ - E se mandarmos esse para o Rio.

MUCURI - Ai tem prosseguimento a operação retorne ele vai e não vem.

ARIÉ - Mas nem tudo que vai não vem?

MUCURI - Como nem tudo que vem não vai. Não vê mais.

ARIÉ - Mas assim o processo não tem solução.

MUCURI - E é para solucionar.

ARIÉ - Claro que é.

MUCURI - Então tem que ser diferente. Você passa um telex pro Rio...

ARIÉ - E manda ver os processos.

MUCURI - Não! Manda vir a solução de um vez. Afinal isto é ou não é a Capital, a solução vindo do Rio, tá solucionado o problema.

ARIÉ - Seu Gardinha o senhor vive bem em Brasília?

MUCURI - Dona Cocoroca nós somos peixe de mar, porém como a pátria precisa de nós, ~~xxx~~ aqui estamos em conserva.

ARIÉ - Esse cara é hipócrita. Eu é que tenho razão para querer voltar (CLM) Hipocrisia.

MUCURI - Isso hi ocrisia, fingimento. Nós te os que finrir, ra viver mais barato. Ninguém precisa saber que vo é morava num quartinho em Botafogo. Vamos esuuccer o casa de cômodos. Põe banca. Diz que os apartamentos aqui são horriv is, que a vida é um sacrificio. Hipocrisia, hiocrisia, temos que falar mal até eles acreditarem. Senão va os prejudicar uns.....e outros.

ATRI - Prejudicar como ?

Mucuri - Nas eleições ! Se nós falarmos bem, eles vão poder fazer aquele discursos que eu já tô vendo. Meus queridos eleitores ! Voltei, sofri, penei em Brasília para representa-lós, foi um grande sacrificio, mas p r ~~XXXX~~ vocês, não fugi um só instante do inferno, daquele deserto mas espero que vocês não me neguem seus votos, porque eu quero sofrer de novo, quero voltar para Brasília e poner por ~~XXXX~~ vocês novamente.

ATRI - E voce acha que vai colar?

MUCURI - Bem! ~~XXXXXXXXXXXX~~ Pode não colar, mas que eu já tô vendo o golpe aplicado, isto tô. Tô vendo o povo condoido dos martires de Brasília.

ATRI - Mas sou Jardinha, o senhor esta sozinho na seção hoje.

MUCURI - Não! Eu não tô sozinho não! A senhora tã a folha do ponto, tã do mundo tá presente, é que a senhora veio na hora do expediente e prá encontra-los só na hora do ponto.

ATRI - Essa gente não foi feita pro trabalho.

MUCURI - Não senhora ao contrario, o trabalho é que não foi feito pra gente.

ATRI - Mas o trabalho dignifica.

MUCHRI - Mas cansa pra cachorro.

ATRI - Sem fazer fofoca o senhor acha misteriosa a licença que a Georgete pediu ? Não acha misterioso pedir licença de 9 meses para ir ao Rio adotar uma criança. O senhor não acha misterioso?

MUCURI - Nada disso, já passou a época dos misterics

~~ATRI~~

ATRI - Por que

MUCURI - Tã mundo sabe que são os pais dos filhos de pais incognitos. Parece Deus castiga, saem tão parecidos.

ATRI - (ACABRUINHA) O senhor sabe que eu vou me casar

MUCURI - Com essa cara

ATRI - (ACABRUINHA)

MUCURI - Com essa idade ?

ARIÉ - E eu sempre sonhei ter filhos.

MUCURI - Mas com essa idade a senhora não vai ter filhos, não, vai ter é...

ARIÉ - (APALHEADA) O que ?

MUCURI - Netos de uma vez. Assim não causa tanto faltarão.

ARIÉ - Mas é segredo o senhor pode ir espalhando por aí. E segredo vai espalhando.

MUCURI - Se não fosse Brasília, onde é que esse troço ia arranjar marido.

ARIÉ - (COQUETOS) Foi no lago.

MUCURI - Deve ter sido mesmo, porque pinto só dá no lago

ARIÉ - É por isto que eu gosto de Brasília.

MUCURI - Mentira! Gosta na lá.

ARIÉ - Gosto sim! Gosto sim.

MUCURI - Se a senhora gostasse mesmo de Brasília, não teria vindo pra cá, teria deixado a Risoleta vir no seu lugar.

ARIÉ - Porque ?

MUCURI - Porque onça já bastava as que tinha no ~~Zoológico~~ Zoológico.

ARIÉ - Puxa o senhor é tão rudo como o Nicanor.

MUCURI - Que é que tem o pobre do Nicanor com a infelicidade que a natureza fez na sua cara ?

ARIÉ - O senhor ~~xxxxxx~~ não sabe

MUCURI - Se é fofoca eu tô por fora, eu não sou homem de fofoca. Sou um homem de trabalho.

ARIÉ - O ~~meu~~ Nicanor abandonou a Alzirinha.

MUCURI - (SP) Não diga. A Alzirinha é muito melhor do que eu?

ARIÉ - --Abandonou! E a pobrezinha esta inconsolável, e quer até transferência pro Rio.

MUCURI - Pro Rio? E eu vou perder uma chance de ra? (TON) Nada disso, é preciso consolidar a Capital, não devemos consentir que os funcionarios regressem afinal isto aqui não é colonia de foris.

ARIÉ - Coitada da Alzirinha esta inconsolável.

MUCURI - Diz-a ela que é pra não ligar, por que enquanto to existirem sapatos, não faltarão sapateiros. O negocio é não andar descalço.

ARIÉ - O senhor não acha que está muito saliente?

MUCURI - Dona Cocoroca, não é por me gabar não, mas eu ainda recebo uma moia cola....

ARIÉ - Mas o Nicanor é seu colega!

MUCURI - É meu colega, mas não é de meu partido, e tratando-se de reforma, eu não sou bigorrilho, mas pra ganhar uma seção extraordinária, eu voto contra. Por bem mesmo é geton.

ARIÉ - Mas o senhor trata o Nicanor tão bem, toda a atenção.

MUCURI - Claro que eu tenho que trata-lo bem. Malícia. Malícia. A ui há g'ito pra tudo. Eu tenho um forra pra tirar com o Nicanor. A Alzirinha e era minha.

ARIÉ - (ESPANTO) Oh!

MUCURI - Secretária! Secretária, ouviu sua inviltuosa.

ARIÉ - Insulto é o que o senhor quer fazer com o Nicanor, e no entanto trata-o tão bem.

MUCURI - E que a senhora não sabe que existem / diversas maneiras de insultar alguém. Por exemplo qui tem uma casa onde todo patife é tratado por Vossa Excealência.

ARIÉ - Mas seu Gardinha o senhor não vá providenciar para ser anorado.

MUCURI - Vou! Vou agora mesmo.

ARIÉ - Agora?

MUCURI - Sim agora.

ARIÉ - Seu Gardinha o senhor está louco, vê que horas são

MUCURI - -Chil! 6 horas. T'nos que marcar o ponto. (P/O Publico) Assim, quando eu vou começar a tr'balhar, encerra o expediente, é por isto que Brasília não vai pra frente. Não deixa a gente tr'balhar

LEWIS CARROLL - (BLACK OIL)

OR METER - (CORTO)

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do
Departamento Federal de Segurança Pública

NESTOR ESTACIO AZAMBUJA CAVALCANTI, autor teatral filiado à SBAT, infra-assinado, desejando promover a representação da peça de sua autoria e de ALFREDO RIBEIRO, "BRASILIA DE TODO O MUNDO", já censurada, em diversas localidades do País, com enxêrto da música, dos monólogos e dos esquetes em anexo, vem requerer a V.S. se digne determinar seja submetido a aprovação o novo roteiro da peça (Doc.I) conforme programa incluso. Esclarece, outrossim, que os monólogos e esquetes aludidos fazem parte do roteiro das peças dos mesmos autores, "BRASILIA ZERO HORA", "BRASILIA MEIA VOLTA VOLVER" e "CIDADE CÉU" já censuradas e registradas nesta repartição.

PD.

Brasilia, 4 de maio de 1965

Brasilia 4 de maio de 1965
Nestor Estacio Azambuja Cavalcanti



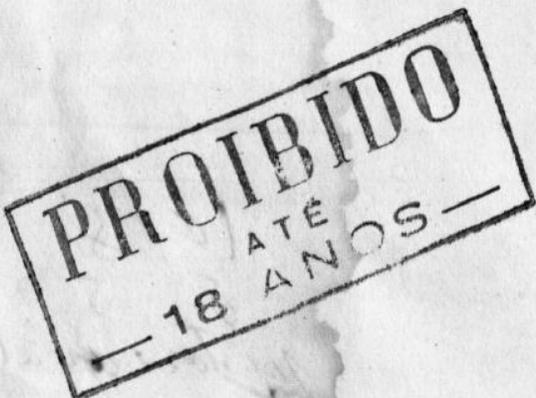
M. J. N. I. — D. F. S. P.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	1008
Em	5 / 5 / 1965
Interessado	Nestor Estacio Cavalcanti
	<i>[Signature]</i>
	Protocolista

7) Anosna Maria Silvia
B. Noqueira para examinar
unidades a mente o rotulo,
alertando a Chefia para
qualquer critica politica,
~~ou~~ a vedos religiosos ou
as autoridades constitu-
das.

Em 5/5/65

Souza

Maria Almeida



PROGRAMA E ROTEIRO DA PEÇA "BRASILIA DE TODO O MUNDO"

- I)- OUVERTURE : Orquestra
- II)- PRÓLOGO: 1- Boa madrugada
2- Japão
3- Grécia
4- Portugal
5- França
6- Arábia
7- Caribe
8- Itália
9- Espanha
- III)- AVANT-PRÓLOGO: Aautos.
- IV) - CORTINA: Monólogo do carnet .
- V)- QUADRO: Quem bom ser mulher!
- VI)- CORTINA: Desabafa a doméstica.
- VII)- QUADRO: Burleta de um fim de carnaval.
- VIII)- CORTINA: GTB do Céu.
- IX)- CORTINA: Canto: Marcha de Goiânia.
- X)- QUADRO: Farmácia da Asa Norte.
- XI)- CORTINA: Monólogo do telefone.
- XII)- QUADRO: Favela do Tamboril.
- XIII)- CORTINA: Monólogo do poste.
- XIV) - CORTINA: Samba falado.
- XV)- QUADRO: E o espírito baixou.
- XVI)- CORTINA: Último estertor (paródia).
- XVII)- AVANT-FINAL: Vozes d'alma candanga.
- XVIII)- BRASILIA DE TODO O MUNDO-FINAL: coro.

Alfred

GOIÂNIA

Marcha

Nestor Cavalcanti

Alfredo Ribeiro

BIS

| Goiânia! O teu céu puro anil
| Acende sonhos fascinantes
| Na minh'alma comovida
| Que pulsa de amor.
| Rainha, do agreste sertão,
| Terás pra sempre um cantinho
| Guardado no meu coração.

Osteutgeitinho breijeiro,
Cidade menina,
Nos põe a sonhar.
Porisso o sol à tardinha
Demora no horizonte,
Querendo te adorar.

.....

(1)

ELETRICISTA- APAGA INSTANTÂNEO ENQUANTO ABRE A CORTINA PARA O 2º QUADRO
FENÚMERA E A LUZ SÓ SERÁ ACESA AO QUARTO QUANDO DA ENTRADA DE LACY.

CENOGRAFIA

O SEGUNDO QUADRO SE PASSA NUM QUARTO DE MOÇA TENDO SOBRE UM MOVEL QUALQUER
UM RADIO.

LACY (ENTRANDO,ACIONA INTERRUPTOR)-Brasília! Zero Hora! A Cidade dorme,
e não há outro recurso, senão dormir, também. Ou então fofocar.
(BURRUA) Ah! já ia me esquecendo de ligar para o consulado de fofoco-
lândia.(TOMA O TELEFONE E DISCA) Alô! De onde fala? (PAUSA) Como vai
o Biriba? Tá animado? (ESPANTO) Não me diga! A Ruth perdeu o ordenado
do marido que ela ainda vai arranjar. E? Então desta vez tem de ser um
muito rico. (PAUSA) Essa não! Perdeu o mandato e tá na luna. E caçaram-
lhe tudo, a boca a mão, tudo tudo. (TOM) Mas meu bom a Magalete está
aí? (TOM) Quer fazer o favor de chamá-la? (PARA PLATEIA) Esse Magalete
é de morte. (VOLTA) Magalete! Olha queridinha, o seu marido já foi
para casa. Eu hoje soltei-o mais cedo. (PAUSA) O que? O que é que tu
vais fazer com o Ricardo? Eu sei lá. (PAUSA) Manda-o pra casa dele,
afinal a mulher dele também tem que dar u's mãozinha.(PAUSA) Mandá-lo
pra qui? Tu estás louca. (PAUSA) Não! Nada disse. (PAUSA) A mulher
dele acaba concordando. Ela disse lá no cabelereiro que o Ricardo só
leva pra casa cansaço e apetite. Como come o rapaz. (PAUSA) Então en-
quanto ela não concordar com o desquite, tu te vira. Afinal não
naceste quadrada. (PAUSA) Tá bem, se estiveres serena amanhã, então
falaremos. (TOM) BAY, BAY. (DESLIGA VOLTA A PLATEIA) Sim senhor-
Brasília Zero Hora.

Uns desligam a televisão, outros cobrem o Barato do Biriba, muitos
como não tem com quem conversar, conversam com a mulher mesmo. (TOM)
É um sacrifício, mas na falta de tú, vai tu mesmo. Mas às Zero hora,
uns se fazem de sonâmbulos e pulam...pulam janelas, pulam cercas,(TOM)
mas a veneranda figura de Sua Excia, olha o relógio, pula da cama, se
levanta pega o processo e vai...vai para sua casa. (PAUSA) E eu?
Brasília zero hora...ligo o rádio (LIGA O RADIO) visto o baby dool -
(ORQUESTRA) (PIANINHO)

LACY - AMEAÇA DESPIR-SE

WANDERLEY - (OFF)(LOCUTOR) O Departamento de força e luz avisa que vai desligar
por algumas horas as luzes das super quadras 107 e 108.

ELETRICISTA _DESLIGA-DURANTE A PALA DO PAU DE ARARA WANDERLEY)

WANDERLEY- (PAU DE ARARA) O T.V. de candango miserave. No mió da festa fura o fute
fols.

ORQUESTRA - (ACORDE)MAQUINISTA - (FECHA A CORTINA)ELETRICISTA - XXXX AGUENDE RIBALTA

ORQUESTRA - (PREPARAÇÃO) ENTRADA DE MUCURY

MUCURY (ENTRA BEBENDO CARREGANDO POSTE DE BRASÍLIA) (CARICATURA)

MUCURY Tem poste bebo aí

Tem poste bebo aí

Foi n'ua esquina

que esse poste encontrei

Esbarrei

quase bati

Mas a turma lá de traz

gritou...

Tem poste bebo aí

tem poste bebo aí.

(MONOLOGANDO) Eu gostei tanto desse poste que vou levá-lo pra minha casa,

(TOM) Mas ocê tá um bocado bebo hein? (CANTA) Cada colega de infortunio um gran-

de amigo (TOM) Ele deve tá desgostoso, os cachorros fazem cada uma com o pobre-

zinho. (TOM) Coitadinho, nem parece poste, parece mais uma escova de dente,

ou escova de escovar as costas, a gente só sabe que é poste, porque ele às

vêzes acende, ou um cachorro tira na pinta, ou um carro bate e aí vem logo a

linguagem parlamentar: quem mandou colocar esse poste no caminho. (TOM) E aí

já sabe, quem paga o pato, é o D.F.L. Vem logo a bronca que o D.F.L. é isso,

que o D.F.L. é aguilão. (TOM) Mal agradecidos. (TOM) É que essa gente não sabe

a força que o D.F.L. faz pra dar a luz.

ORQUESTRA (ACOMPANHA PARÓDIA CHÃO DE ESTRELAS)

MUCURY Minha vida

era um poste iluminado

bem pintado, prateado,

poste das perdas ilusões.

Cheio dos caveás da cachoeira

que parou que bandalheira

entre as p almas febris de arrumações

Hoje quando a Celg por maldade

corta a luz sinto saudad3

da usina atômica que gorou

Nossa lampadas comuns dependuradas

quase sempre apagadas

parece um estranho funeral

Festa de postes apagados

mostrando mal iluminados

que o negocio assim vae mal.

(TOM) Mas pensando bem, esse gente queixa sem razão. É verdade que o D.F.L.

muitas vezes pifa, mas às vezes, mas também às vezes ele se espreme, contorce,

mas dá a luz. É é previdente, pois quantas vezes ele não deixa as lampadas

ligadas o dia inteiro, pode parecer desperdício, mas não é não, é que o D.F.L.

tá de olho, pode ser que desliguem o sol, aí o D.F.L. já tá ligado.

Handwritten signature

(continuação MUCURY)

Não houve ainda o caso, mas se houver, falta de sol, o D.F.L. não falta. Mas quando desligar a lua, aí o D.F.L. é solidário, desliga também. É de estranhar essa solidariedade, se a lua é cheia, o D.F.L. enche, se a lua é crescente o D.F.L. cresce, mas se é minguente, o D.F.L. mingua. (TOM) Mingua tanto, que a gente tem que acender um fosforo pra ver se a lampada está acesa ou não. O D.F.L. é o parlamentar mais importante que tem aqui, nem pensaram em caçar o seu mandato, porque no dia que ele não assina a lista de presença ou se retira do plenário, não tem mais votação, nem tem mais seção, não tem... num tem não tem, nem!

O D.F.L. é filho da Novacap, pertence a uma irmandade de numerosa, incompreendida, falada... O D.F.L. é irmão da S.A.B. como falam dessa senhora. De Dona SAB pintam com piche o retrato. Falam da moral deste senhora coisas horríveis, (TOM) mas também não deve ser tanto assim, (TOM) pode ser que seja muito mais. (TOM) Mas que família visada. O outro da irmandade é o D.T.U.I., coitado como falam desse rapaz. É verdade que ele tem seus pecados mas também tem suas virtudes: cruza as linhas e a gente fica sabendo como a sociedade tem gente com as linhas cruzadas, quantas linhas que a gente pode ser exclusiva, no entanto tem uma, duas, três, quatro e até mais extensões clandestinas por aí. (TOM) Mas o D.T.U.I. é correto pra ele tá tudo certo; se um cara que a gente nem nunca soube que existe, ligar para o Rio e dar o nosso numero, o DTUI não erra, isto é cobra certinho.

Cobra de quem não falou, e até que o sujeito prove que o poste de Brasília não é escova de dentes de dinossauro, ele vai entrando, entrando mais que a T.C.B. entra na contra-mão. (SAINDO) É uma família só. Todos irmãos.

D.F.L. - D.T.U.I. - T.C.B. - S.A.B. e D.A.E. é o fim.

ORQUESTRA - (FIRIM FIMFIM)

MUCURY

Firim Fimfin
toda a familia
é mesmo assim

ELETRICISTA (APAGA E/SAIDA)

MAQUINISTA - (ABRE AS CORTINAS)

Handwritten signature

CENA DE FARMACIA

- SUZAN Bom dia seu Polidoro. O senhor agora está aqui?
- FARM. Parece-me
- SUZAN Mas a sua quitanda na sua norte? Não ia tão bem o negocio?
- FARM. Ia nada, ninguém comprava nada. Verdura ninguém comprava, porque carne lá é mato. E todo mundo só come carne.
- SUZAN Mas se lá não tem açougue.
- FARM. Carne de tárdona. É só ir buscar lá nos buracos do eixo.
- SUZAN E lá tem tanto tatu assim?
- FARM. Tem tanto tatu que chega a fazer buraco dum lado ao outro do eixo.
- SUZAN Aquilo não é buraco. São os tuncis dos trevos. Não é tatu. É a Prefeitura.
- FARM. A Prefeitura pode não ser tatu, mas é da mesma familia. O que a senhora quer?
- SUZAN Ah! É a minha filha. Ela está esperando nenem e está sentindo muita tonteira... O senhor tem algum remedio bom?
- FARM. Dexe ver... Olha aqui tem esse... muito bom... duas colheres de sopa em jejum.
- SUZAN Mas isso não é remedio, isso é pra lavar, é detergente!
- FARM. Então dona remedie ~~lavar~~ deter gente.

ENTRA OUTRA FREGUESA (BATIA)

- BATIA Bom dia! O senhor tem um remedio bom para tirar espinhas? Eu preciso que estas espinhas saiam.
- FARM. Tenho um muito bom. Frances, um tal de Rubinat.
- BATIA Mas isso é purgante.
- FARM. É o que é que não sai com purgante.

ENTRA OUTRO FREGUES (SORAYA)

- SORAYA (APRESSADA) Depressa! Depressa!
- FARM. Um momento
- SORAYA Por favor me atenda. Ai eu não posso mais.
- FARM. Vá lá na adeviaria debaixo da escada rolante.
- SORAYA Mas espere não é nada disse que o sr. tá pensando.
- FARM. Eu não estou pensando ~~nao~~. Eu estou sentindo o que a sra. tem. A senhora está toda suada. Isto pra senhora enxugar a testa.
- SORAYA Uduera! Estou com uma dor que não para.
- FARM. Não para? Nem pra descansar?
- SORAYA Doi nas costas, passa pro pescoço. Doi nas costas depois vai pro peito. Depois anda pra barriga depois vai pra ai ai ai. O senhor não tem um remedio aí?

J. P. P.

FARM. Deixa ver...Olha aqui tem um bom.
 SORAIA Mas isso não serve, é pro cabelo, é um fixador.
 FARM. A senhora não quer que a dor deixe de andar? Pois é, isto é um fixador, o nome já tá dizendo a dor fica parado num lugar.

ENTRA OUTRA FREGUESA

WALMERIA Bom dia.

FARM. Bom dia, o que é que deseja?

WALK. O sr. está notando alguma coisa?

FARM. Não tô notando muito não.

WALK. Quer que eu chegue mais pra perto?

FARM. Não. Dá uma voltinha que é melhor.

WALK. O senhor não entendeu. É no meu rosto essas manchas. O senhor tem algum remédio pra tirar?

FARM. Deixa ver...Eu tenho aqui um muito bom. Frances. Rubinat.

WALK. Mas isso é purgante.

FARM. Claro. A senhora não quer remédio pra tirar manchas?

WALK. Simmas...

FARM. E o que é que ~~purgante~~ purgante não tira?

Handwritten signature

ATRIE - Furo a fila e caio na frente.

M. LINA - Fura a fila ? E não reclama ?

ATRIE - (CLAMOR) Ah. [Uma mulher bonita tem sempre a desculpa de ser uma mulher!

M. LINA - Eu tenho medo!

ATRIE - Medo ? Medo de que ?

M. LINA - De um maluco desse fazer uma desfeita; Nos estamos cercados de malucos .

ATRIE - -E outro erro !

M. LINA - (ESPANTO)

ATRIE - É um erro acreditar que estamos cercados de malucos. (TO) Embora seja verdade (TO) Mas como aqui não tem hospício a gente finge que não tem também. Ignora. Ignora.

M. LINA - Quer dizer que o melhor é ignorar certas / coisas.

ATRIE - Certas não, todas.

M. LINA - É ignorância, q não é burrice;?

ATRIE - E. É. Mas aqui, a burrice é uma instituição. Há pessoas aqui que se você obriga-las a pensar, é um perigo.

M. LINA - Perigo ? Porque ?

ATRIE - Porque tem-se que chamar o Departamento de Aguas e Esgoto pra canalizar as ideias, porque eles só tem ideias de.. de...di...didi.

M. LINA - Clotilde, você parece decepcionada.

ATRIE - Decepcionadíssima... Agora só penso em mim.

M. LINA - Deixa disso! Olha que não vale a pena pensar em coisas inúteis.

ATRIE - É por falar em coisas inúteis, como vai o teu marido ?

M. LINA - (DISPLICENTE) Qual ?

ATRIE - Quando eu falo do marido, me refiro ao que está no exercício do mandato, não estou pensando em convos e nenhum / suplente.

M. LINA - Sei lá, ele anda uma fera, diz até que perdeu a cabeça, eu estou preocupada.

M.LINA - Que é isto, você tem ódio dos homens?

MARI - Não! Não é bei dos homens.

M.LINA - De que é então.

MARI - É da velocidade dos desgraçados. Quando eu puto em cima de um...ele espira e não se importa com o excesso de velocidade, como corra.

M.LINA - Qual, os homens não são tão maus.

MARI - É quando eles não são de todos maus, se esforçar.

M.LINA - Como assim?

MARI - Quanto esforço fazem os homens maus para serem piores ~~ainda~~ ainda.

M.LINA - Ah. Coitado dos homens eles são tão engraçadinhos.

MARI - São umas gracinhas entendem tudo a seu modo. Só porque Jesus disse: am o próximo como a ti mesmo, eles entendem que o próximo é a mulher que trabalha ao lado dele. As secretarias deviam ter dois salários.

M.LINA - Porque dois salários?

MARI - Um pelo trabalho, outro pela aproximação.

M.LINA - Bem eu vou chegando porque tenho que levar roupa para a lavanderia.

MARI - (CANT) O que é? Você vai à lavanderia? Você é da O.D.D?

M.LINA - O.D.D.! O que é isto?

MARI - O.D.D. Ordem de dedo duro.

M.LINA - Estou por fora.

MARI - Mas podes crer. É melhor lavar em casa mesmo.

M.LINA - Eu não entendo. Explique-se.

MARI - Então você não sabe que a lavanderia ~~institucional~~ institucional botou os tanques na rua e começou a lavar roupa suja.

M.LINA - Encontrou muita sujeira? Pescou muita coisa?

MARI - Uma porção de lan dry, mas também pegaram cada tubarão (TC) Dizer or ai que tem um bocado de baleia na rede.

M.LINA - E você acredita que baleia cai na rede?

MARI - (CANT) Eu já vi coisa
de fazê admirá
já vi padre comunista
e vi comuna comungá.

M. LINA - E voce eles esqueceram ?

ATRIZ - Eu sou sempre esquecida até por Santo Antonio
que não esquece de ninguém.

M. LINA - Esqueceu de você ?

ATRIZ - Esqueceu!... Nunca lembrou de mim. Na minha vez,
dá sempre uma armésia no santo que ele se esquece.

M. LINA - E você não lembra.

ATRIZ - Se lembro, quando eu vou rezar pra Santo Antonio
e fico cantando zum zum.

Tá faltando um

M. LINA - E o santo?

ATRIZ - Nem se manca,...

M; LINA - Porque ?

ATRIZ - (CHORA) Porque falta um dedo duro na ~~xxxx~~
minha vida.

M. LINA - Pra que ?

ATRIZ - Pra apontá pra Santo Antonio; (TRANS.) E aquela,
e aquela (CHORO ESCARDALOSO)

M. LINA - Porque está chorando ?

ATRIZ - Eu sempre estive em disponibilidade e estou vendo
que o mandato caduca e me aposentam sem as sanções penais.

ELETRICISTA - (BLACK OUT)

ORQUESTRA - (ACORDE)

CAV.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO

XXXXX

MUCURI - (M. G. M.) Eu gosto de ver como a repartição funciona perfeitamente harmonica aqui em Brasília. Funciona tudo perfeito na engrenagem.

ARIÉ - (MARIANO) COM O LACRADO DO HAI (HAI) Seu Sardinha: Seu Sardinha!

MUCURI - Pronto dona Cocoroca!

ARIÉ - O diretor mandou este processo para ser anexado ao de nº 18932.

MUCURI - Então temos que mandá-lo para o Rio porque o 18932 está anexado ao 1628 que está no Rio.

ARIÉ - Mas o diretor disse que é para anexar aqui.

MUCURI - A senhora diga a ele que nem sempre é impossível acontece o que é impossível anexar aqui este aos outros.

ARIÉ - E se mandarmos esse para o Rio.

MUCURI - Ai tem prosseguimento a operação retorno ele vai e não vem.

ARIÉ - Mas nem tudo que vai não vem?

MUCURI - Como nem tudo que vem não vai. Não vê mais.

ARIÉ - Mas assim o processo não tem solução.

MUCURI - E é para solucionar.

ARIÉ - Claro que é.

MUCURI - Então tem que ser diferente. Você passa um telex pro Rio...

ARIÉ - E manda ver os processos.

MUCURI - Não! Manda vir a solução de um vez. Afinal isto é ou não é a Capital, a solução vindo do Rio, tá solucionado o problema.

ARIÉ - Seu Sardinha o senhor vive bem em Brasília?

MUCURI - Dona Cocoroca nós somos peixe de mar, porém como a pátria precisa de nós, aqui estamos em conserva.

ARIÉ - Esse cara é hipócrita. Eu é que tenho razão para querer voltar (OLHA) Hipocrisia.

MUCURI - Isso hi ocrisia, fingimento. Nós te os que
fincar, pra viver mais barato. Ninguém precisa saber que voê morava num
quartinho em Botafogo. Vamos esquecer a casa de cômodos. Põe banca. Diz
que os apartamentos aqui são horriv is, que a vida é um sacrificio.
Hipocrisia, hipocrisia, temos que falar mal até eles acreditarem.
Senão vaos prejudicar uns.....e outros.

ATRI - Prejudicar como ?

Mucuri - Mas eleições ! Se nós falarmos bei, eles vão
poder fazer aquele discursos que eu já tô vendo. Meus queridos eleitores !
Voltei, sofri, bemei em Brasília para representa-lós, foi um grande sacri-
ficio, mas por ~~XXX~~ vocês, não fugi um só instante do inferno, daquele
deserto mas espero que vocês não me neguem seus votos, porque eu quero
sofrer de novo, quero voltar para Brasília e penar por ~~XXX~~ vocês novamente

ATRI - E voce acha que vai colar?

MUCURI - Bem! ~~XXXXXXXXXXXX~~ Pode não colar, mas que
eu já tô vendo o golpe aplicado, isto tô. Tô vendo o povo condoido dos
martires de Brasília.

ATRI - Mas seu Jardimha, o senhor esta sozinho na
seção hoje.

MUCURI - Não! Eu não tô sozinho não! A senhora vê a
folha do ponto, t do mundo tá presente, é que a senhora veio na hora do
espedito e prá encontra-los só na hora do ponto.

ATRI - Essa gente não foi feita pro trabalho.

MUCURI - Não senhora ao contrario, o trabalho é que
não foi feito pra gente.

ATRI - Mas o trabalho dignifica.

MUCHRI - Mas cansa pra cachorro.

ATRI - Sem fazer fofoca o senhor acha misteriosa
a licença que a Georgete pediu ? Não acha misterioso pedir licença de
9 meses para ir ao Rio adotar uma criança. O senhor não acha misterioso?

MUCURI - Nada disso, já passou a época dos misterios

~~ATRI~~

ATRI - Por que

MUCURI - Tdo mundo sabe que são os pais dos filhos
de pais incognitos. Parece Deus castiga, saem tão parecidos.

ATRI - (ACABRUNHA) O senhor sabe que eu vou me casar

MUCURI - Com essa cara

ATRI - (ACABRUNHA)

MUCURI - Com essa idade ?

ARIÉ - E eu sempre sonhei ter filhos.

MUCURI - Mas com essa idade a senhora não vai ter filhos, não, vai ter é...

ARIÉ - (APREENSIVA) O que ?

MUCURI - Notas de uma vez. Assim não causa tanto falatório.

ARIÉ - Mas 'ó segredo o senhor pode ir espalhando por aí. E segredo vai espalhando.

MUCURI - Se não fosse Brasília, onde é que esse troço ia arranjar marido.

ARIÉ - (COQUETOS) Foi no lago.

MUCURI - Deve ter sido mesmo, porque p'to só dá no lago

ARIÉ - É por isto que eu gosto de Brasília.

MUCURI - Mentira! Gosta na 'a.

ARIÉ - Gosto sim! Gosto sim.

MUCURI - Se a senhora gostasse mesmo de Brasília, não teria vindo pra cá, teria deixado a Risolota vir no seu lugar.

ARIÉ - Porque ?

MUCURI - Porque onça já bastava as que tinha no ~~Zoológico~~ Zoológico.

ARIÉ - Fuxa o senhor é tão rude como o Nicanor.

MUCURI - Que é que tem o pobre do Nicanor com a infelicidade que a natureza fez na sua cara ?

ARIÉ - O senhor ~~zigue~~ não sabe

MUCURI - Se é fofoca eu tô por fora, eu não sou homem de fofoca. Sou um homem do trabalho.

ARIÉ - O ~~meu~~ Nicanor abandonou a Alzirinha.

MUCURI - (LSP) Não diga. A Alzirinha é muito melhor do que eu?

ARIÉ --Abandonou! É a pobrezinha esta inconsolável, o quer até transferência pro Rio.

MUCURI - Pro Rio? E eu vou perder uma chance des 'a? (TOU) Nada disso, é preciso consolidar a Capital, não devemos consentir que os funcionarios regressem afinal isto aqui não é colonia de foris.

ARIÉ - Coitada da Alzirinha esta inconsolável.

MUCURI - Diz a ela que é pra não ligar, porque enquanto to existirem sapatos, não faltarão sapateiros. O negócio é não andar descalço.

ARIZ - O senhor não acha que está muito saliente?

MUCURI - Dona Cocoroca, não é por me gabar não, mas eu ainda recebo uma moia cola....

ARIZ - Mas o Nicanor é seu colega!

MUCURI - É meu colega, mas não é de meu partido, e tratando-se de reforma, eu não sou bigorrilho, mas pra ganhar uma seção extraordinária, eu voto contra. Por bom mesmo é geton.

ARIZ - Mas o senhor trata o Nicanor tão bem, toda a atenção.

MUCURI - Claro que eu tenho que trata-lo bem. Malícia. Malícia. A ui há g ito pra tudo. Eu tenho um forra pra tirar com o Nicanor. A Alzirinha era minha.

ARIZ - (ESPANTO) Oh!

MUCURI - Secretária! Secretária, ouviu sua inviltuosa.

ARIZ - Insulto é o que o senhor quer fazer com o Nicanor, e no entanto trata-o tão bem.

MUCURI - É que a senhora não sabe que existem / diversas maneiras de insultar alguém. Por exemplo qui tem uma casa onde todo patife é tratado por Vossa Excecolência.

ARIZ - Mas seu Gardinha o senhor não vad providenciar para ser anexado.

MUCURI - Vou! Vou agora mesmo.

ARIZ - Agora?

MUCURI - Sim agora.

ARIZ - Seu Gardinha o senhor está louco, vê que horas são

MUCURI - -Chil é horas. Temos que marcar o ponto. (P/O Publico) Assim, quando eu vou começar a trabalhar, encerra o expediente, é por isto que Brasília não vae pra frente. Não deixa a gente tr balhar

ELMERICISA - (BLACK OUT)

OR HATER - (CORTE)

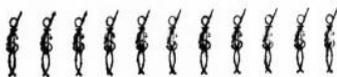
BRASILIA DE TODO O MUNDO

R E V U E T T E

M. J. N. L. — D. F. S. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERÇÕES PÚBLICAS
 Protocolo N.º 13.557
 Em 22 / 12 / 1964
 Interessado Reunafilho
 Protocolista Dezora Filho

AUTORES:

ALFREDO RIBEIRO
NESTOR CAVALCANTI



DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
 M. J. N. L.
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERÇÕES PÚBLICAS

APROVO
24 de Dezembro de 1964
[Signature]

IMPRÓPRIO
ATÉ
 — 11 ANOS —

ROTEIRO DE : "BRASILIA DE TODO O MUNDO"

OVERTURE - ORQUESTRA

AVANT. PROLOGO - LACY - GATINHO BOA MADRUGADA

1º - PROLOGO - BATIA - VERA - M. LINA - MARCOS - JANDIRA - VITOR - SELMA.
PALCO - NÃO TEM CENÁRIO FUNDO CORTINA AZUL.

FINAL DO PROLOGO - WANDERLEY - LACY - MÁXIMA.

ABRE A CORTINA AZUL

MONTAGEM - APENAS UM PRATICÁVEL DE 2 DEGRAUS

CENÁRIO - SIMPLEMENTE APLIQUES NA ROTUNDA PRETA DANDO IDEIA DE
RAIOS DE LUZES EMANADOS DE BRASÍLIA "LACY" SOBRE O -
PRATICÁVEL.

2º - MONOLOGO DO CARNET

CORTINA AZUL

MONTAGEM - CAIXOTE OU BANQUETA A VONTADE DO INTERPRETE.

3º - QUADRO MUSICAL - LACY - VERA - SELMA - JANDIRA E BATIA

que bom ser mulher

P A L C O

MONTAGEM - APENAS PANOS ORNAMENTANDO O FUNDO E AS LATERAIS.

4º - DESABAFADA DOMESTICA - M. LINA

CORTINA -

MONTAGEM - NÃO TEM.

5º - QUADRO MUSICAL - WANDERLEY - MÁXIMA - MARCOS

BURLETA DE UM ETIO DE CARNAVAL

MONTAGEM - APENAS ROTUNDA PRETA

CENÁRIO - 1 TRINEL - POSTE CLÁSSICO

6º - CORTINA - MUCURY - VICTOR - VERA - BATIA

MONTAGEM - NÃO TEM

CENÁRIO - NÃO TEM

7º - QUADRO MUSICAL X QUADRO PLATEIA - SAMBA FALADO

COZINHA INTERNACIONAL - LACY - SELMA - BATIA - JANDIRA.

MONTAGEM - APLIQUES

CENÁRIO - APLIQUES NO FUNDO DO PALCO ALUSIVO A CULINARIA

8º - MONOLOGO - MARCOS

GIGANTE OU GIGANTE

CORTINA - CENÁRIO - NÃO TEM.

9º - QUADRO MUSICAL - MÁXIMA - SELMA - BATIA - VERA - JANDIRA.

MONTAGEM - TRINEIS ATARAQUE NAS LATERAIS.

CENOGRÁFIA - AO FUNDO APLIQUES PADREIROS - ATABAQUES - TAMBORINS -
CUICAS

10º - E o espírito baixou - WANDERLEY - M. LINA - VITOR -

C O R T I N A - NÃO TEM MONTAGEM

11º - CORTINA MUSICAL - MUCURY

MONTAGEM - NÃO TEM

12º - AVANT FINAL - VOZES D'ALMA CANDANGA - M. LINA

CORTINA -

MONTAGEM - FOCOS CATIVOS NAS LATERAIS EM SINCRONISMO COM AS DE M.
LINA E MARCOS.

13º - FINAL - Ora sejam bem vindos - TODO O ELENCO -

MONTAGEM - MISTURA DE RAÇAS - CADIN = BRASÍLIA.

TÍTULO = "BRASILIA DE TODO O MUNDO".
GÊNERO = REVUETTE
AUTORES = ALFREDO RIBEIRO - NESTOR CAVALCANTE
DURAÇÃO = 60 MINUTOS
MAESTRO = JOSE EUGENIO MALTA
COREOGRAFIA =
CENOGRÁFIA = SIROBA
ILUMINAÇÃO = IVES DUARTE
GUARDA ROUPA = AMÉLIA RODRIGUES
DIREITOS CONTROLADOS = FELA S.B.A.T.

Amélia Rodrigues
José Eugênio Malta

- MAQUINISTA - MONTA DUAS ESCADAS LATERAIS NA GAVETA PARA LIGAR RIBALTA A PLATEIA.
 ORQUESTRA - OVERTURE
 ELETRICISTA - BLAKOUT NO SALÃO PROJETANDO LUZ SOB A BOCA DE CENA DURANTE COVERTURE E AVANT PROLOGO - LUCY -
BOA MADRUGADA

Bôa madrugada Prá você;	Raiou a madrugada, O nosso show vai começar E aqui não há mais nada Se não sorrir, cantar ... E o reino de alegria Que vai conquistar a gente. Alerta boemia! Que a festa é de abafar. E o Brasília E o Brasília SENSACIONAL !!!!!!!!!!!!!
Já bateu uma hora E a cidade lá fora Vai adormecer. Mas não diga que não Há lugar companheiro, Prá gastar seu dinheiro Num fandango do bom.	
Bôa madrugada prá você!	

UM FOCO PARA A SAÍDA DA COZINHA OU DO PARLÃO ACOMPANHANDO CADA ARTISTA ATÉ ATINGIREM PALCO ONDE FICAM DURANTE A APRESENTAÇÃO SAINDO EM SENTIDO OPOSTO.

- MAQUINISTA - LEVANTA A CORTINA DE BOCA DEIXANDO A AZUL EM CENA MORTA.
 ORQUESTRA - AO TÉRMINO DA OVERTURE FAZ TRANSIÇÃO PARA MOTIVO JAPONÊS ACOMPANHADO EM A.D.I. BATIA: JAPONESINHA QUE SAI DA PORTA DA COZINHA E ATINGE O PALCO.

BATIA =

Meus pais também são Candangos
 Candangos japoneses de Kioto
 Vieram prá Cidade Livre
 E ajudam a construir o Plano Pilôto
 São amarelos de olhos rasgados
 Que riem ingenuamente
 Mas amam Brasília e comungam
 Com o ideal de nossa gente
 Pois são Candangos autênticos
 Candangos do sol nascente.

MARIA LINA =

Minha gente veio da Grécia
 Sou mistura de Gragos e Trtianos
 E como nossa Helena
 Me disputam mineiros e goianos
 Meus pais vivem saudades
 Saudades atenienses
 Mas cultuam as esperanças
 Do provir brasileiro.

- ORQUESTRA - ACORDE FAZ TRANSIÇÃO PARA MOTIVO PORTUGUÊS SEGUINDO EM A.D.L. VERA PORTUGUESINHA QUE SAI TAMBEM DA COZINHA AO ATINGIR O PALCO.

V E R A =

Eu já sabia lá em Lisboa
 que esta terra era tão boa
 era mais que maravilha
 virei Canganga não sou mais Cadiota
 Comigo é fogo na roupa
 pois sou portuguesa de Brasília
 o que aliás é muito natural
 se o Brasil descobriu Cabral
 descobri-lhe eu a Capital

- ORQUESTRA - FAZ TRANSIÇÃO PARA TEMA PARISIENSE E ACOMPANHA EM A.D.L. MARCOS LANDER QUE NO PALCO...

MARCOS =

Eu sou Pierre Rume
 Candango que vem de Paris
 Vivi o Foleis Bergere
 Figali e Tabaris
 mas no planalto central
 também eu vivo feliz
 Brasília encanta e seduz
 Mas se Paris é a Cidade Luz
 Brasília é o Eden Criança
 e a Capital da Esperança

- ORQUESTRA - FAZ TRANSIÇÃO PARA TEMA BEDUINO ACOMPANHANDO VITOR ARABE ARRASTANDO JANDIRA ODALISCA ESCRAVA = EM A.D.L.

V I T O R = (SALAMALEQUES)

Pelas barbas do Profeta
e o saber de Macmé
por alá sublime Alá
Pelo alcorão tôda a fé.
Minha gente Beduína
ama tanto esta Brasília
que naturalizam Candangos
todos todos da família.
Viemos prá um banquete
mas como aconselho do derviche
por via das dúvidas (ABRAÇA JANDIRA)
Eu trouxe meu sanduíche.

ORQUESTRA - FAZ TRANSIÇÃO PARA RUMBA ENFESADA ACOMPANHANDO SELMA EM
A.D.L.

SELMA -

Eu venho do Caribe
e trago a Rumba comigo
quero encontrar um Candango
que sambe na base do castigo
Pois prá mexer em quadris
na Rumba precisa estudo
Mas no samba a gente mexe
Mexe e remexe contudo
Olha o samba maroto
Começa devagarinho
mexendo o Plano Pilôto
depois Taguatinga e Sobradinho.

ORQUESTRA - FAZ TRASIÇÃO PARA MOTIVO ITALIANO SEGUINDO EM A.D.L. MO
ÇA QUE ATINGE O PALCO.

M O Ç A -

Eu descendo de Pucini
Donatelo e Da Vince
No meu sangue fervem
artes e esplendores
E por isto Buana gente
que sono Tuti Tuti Candangos
sin senhores

ORQUESTRA - FAZ TRANSIÇÃO GLORIOSA E EPICA SEGUINDO MARCOS E M.LINA
EM A.D.L.

MARCOS - Oh ! Cidade criança
L I N A - Oh ! Capital da esperança
MARCOS - Terra de Paz e Amor
L I N A - Sem preconceito de raça
MARCOS - Sem discriminações, credo ou côr.
TODOS - Brasília hospitaleira
Candanga que tanto amamos
Com o nosso amor mais profundo
Brasília, nós te saúdamos
Brasília de Todo o mundo.

ORQUESTRA - VIBRANTE ATACA INTRUÇÃO. APOTEOSE DO PRÓLOGO.
BRASILIA DE TODO O MUNDO.

MAQUINISTA - (ABRE A CORTINA AZUL APARECENDO AO FUNDO SOBRE UM PEQUE-
NO PRATICAVEL DE DOIS DEGRAUS LACY TENDO MAIS PRÓXIMO
NAS LATERAIS WANDERLEY E MÁSIMA QUE CANTAM:

Sempre de braços abertos
a todos que buscam um sonho encontrar

Assim te fêz teu criador imortal
Pensando no teu destino fecundo,
De orbe universal
Brasília de todo o mundo.

- | -

Meu "shangrila" de esperança,
do paz e de amor.

Terra, eterna morada de um sol de esplendor
Ámida do nosso-afêto profundo
o lona universal:
Brasília de todo o mundo!

MAQUINISTA = FECHA CORTINA

ELETRICISTA = PROGETA LUZ SOBRE O PRIMEIRO ATOR DO ELENCO QUE ENTRA COM BANQUETA PARA O MONÓLOGO DO CARNET.

ATOR = ENTRA CARACTERIZADO COM TIPO DA CIDADE PORTANDO CAIXOTE OU BANQUETA MAIS IMPRESSOS PARA ILUSTRAR UMA PORÇÃO DE CARNETS.

Olha o carnet. Olha o carnet. Lançado mais um. Tá fresquinho. Tá saindo hoje o de depois de amanhã. Lançamento antecipado. Aproveitem que o carnet já está no fim. Aproveitem que saiu agora mesmo, mais ainda restam uns poucos que eu reservei só para os amigos. Olha o Carnet
Olha o Carnet.

INTERPRETA = Tá na moda o Carnet
e de carnet tá a cidade infestada.
Tem carnet de tudo
tem até carnet de nada.
Parece que foram felizes
Lançaram Carnet de gordini
de Volks de Dauphine
de Sinca e Aero Willys.
Tem carnet prá todo o preço
Tem carnet prá toda mão
sou carnet d'a uma casa
e outro dá um barracão.
Tem nêgo que anda louco
tem trinta carnets e acha pouco
Mas um dia até que acertou
Acertou mas não levou.

I M I T A = pois o homem gritou: Não pagou!
Tava atrasado!
O pé frio desgraçado
Parece que a moda pegou
e do jeito que a coisa vai
não demora êles lançam
Carnet de Filho e de Pai.
Não demora vamos vê
muita gente ganhar pai
premiado no Carnet.
Pois nada mais me engana
nêste mundo enganado
Vão lançar o Carnet
cujo prêmio é um marido
Mas confesso que não aguento
é com o novo lançamento
de um carnet que já existe
é o carnet do casamento
o que já vem com o desquite.
O Carnet do Funeral
não é que êste êxito logra
Claro! Todo genro
vai comprar mais ó pra sogra.
O Carnet da Dentadura
Vai ter propaganda dura.

I M I T A = Dentol Carnet
A sorte sorri prá você,
sorria meu amigo
um sorriso de escol
sorri meu amigo
com o carnet Dentol.
Os carecas certamente
também serão premiados
com cabeleiros de estampas
que ganham com o Carnet Pelo as nampas.
Pra turma que gosta da UCA

um lançamento
corre pela Federal
um buteco com alambique
O lançamento arrojado
Vae sor prá marido enganado
Pois prevé será lançado
O Carnet do Conformado.
Eu conheço uma senhora
como tem sorte a mulher
a danada tem um Carnet
que ganha o que quizer.

É um carnet de sorte
 ganha prêmio todo o dia
 O carnet de morte
 joga em qualquer loteria
 A vizinhança com inveja
 fala da pobre coitada
 dizem coisas como que
 afinal ela não é culpada
 de ter uma sorte danada
 e ganha tudo no Carnet.
 Tão metendo os peito
 tão usando Carnet de todo o jeito
 Até pensam que prá reforma eleitoral
 ser o Carnet a solução ideal
 Carnet de Deputado
 Carnet de Senador
 Carnet de Prefeito
 Carnet de Vereador.
 A idéia até que é original
 regular as eleições
 pela Loteria Federal
 É a suplência com razão
 como Consolação
 seria a aproximação.
 Mas eu conheço alguns
 que não jogam contra azares
 e por via das dúvidas
 comprovam tôdas milhares.
 Pode parecer exagerado
 Mas êle sabe que é
 Capital bem empregado
 Essa gente não é otária
 e o Carnet eleitoral
 Sempre teve correção Monetária.
 Mas chega de brincadeira
 eu já disse muita besteira.
 Vamos falar de um carnet
 coitado que vai muito mal.
 É o carnet da Consolidação da Capital
 neste carnet, há suborno
 financiado pelo carnet do retôrno.
 Vamos lançar um carnet
 no qual o Brasil Brasília
 e todo o mundo ganha.
 Vamos lançar o Carnet da Vergonha
 Em seguida retira-se rápido no escuro.

ELETRICISTA = (BLAKOUT)

ORQUESTRA = CORTE.

MAQUINISTA = ABRE CORTINA PARA O QUADRO BALET = BIKINI = VERA - SELMA -
 JANDIRA = LACY - BATLA - QUE BOM SER MULHER. LACY DESCE A
 PLATEIA EVOLUINDO NA PISTA.

QUE BOM SER MULHER!

Adorável.
 Desejável.
 Que bom ser mulher!

Emotiva.
 Sensitiva.
 Que bom ser mulher!

Pisar corações.
 Roubar ilusões
 De alguém que nos quer.
 Ser tôda desejo
 E dar-se num beijo.
 Que bom ser mulher!

ELETRICISTA = PROJETA CORES COM MUTAÇÕES CONSTANTES VALORIZANDO COM LU-
ZES O QUADRO QUE TERMINA EM BLAKOUT.

MAQUINISTA = DESCE CORTINA AZUL

ORQUESTRA = A CORDE SAMBA DE MORRO BEM GAIATO PREPARA ENTRADA - MARIA
LIMA - DESABAFA A DOMESTICA.

MARIA LINA MULATA CARICATA COM GINGA ENTRA ESPEVITADA E BEM MORRO.
Ora pois, pois, essa é muito boa vivem a me corrigirem.

(INTERP) Maria! Contenham-se. Maria acha a etiqueta. Maria (Mãos a CABEÇA) que coisa horrível. (MÃO NO CORAÇÃO) Maria você me mata de vergonha (TOM) São capazes de morrer mesmo, nunca tiveram são umas desavergonhadas. (TOM) Eu sou culpada de tudo. Prá que, que eu fui sair de São Cristovão. Como sofre uma doméstica luzitana na nova Capital do Brasil. Tudo que eu faço, é burrada, é imoral, é ignorância, é grossura. Mas que estupoire, elas chegaram aqui ficaram bestas, cheias de coisas.

Só porque moram num apartamento aqui me mandam dizer que somos de Copacabana que morávamos na avenida Atlântica. (TOM) Ah! Quem as visse apanhando água no largo do Pedregulho e saindo todos os anos na escola de samba UNIDOS PELA MISTURA. Cachaça com Parati; Havia de achar muito gaiato aqui elas dizem que são da alta (TOM) só se fôr da alta pouca-vergonha.

A mais velha agora anda no soçaito (TOM) mas custou a entrar, teve um trabalho pois só foi admitida depois do oitavo escândalo.

A segunda (TOM) Deus que me perdoe ... (TOM) Vivia a desmaiar nos braços do noivo apaixonada e hoje como êle deu as de Vila Diogo ela diz que não sabia que amor passasse, é verdade o amor passou mas deixou complicação e eu é que tenho que levantar a noite prá trocar as fraldas da complicação senão a complicação apanha uma pneumonia.

Ora pois, pois, e então? A mim é que elas não enganam.

A coisa que mais eu temo, é ser uma velha assanhada, fofqueira e sobreturo cretina. (TOM) A propósito: A patroa resolveu fazer operação plástica prá ficar mais jovem e bonita. (TOM) já viram uma coisa desta? Diz que vai fazer uma reforma na fachada. Mas já está com o chassis empenado, o feicho de mola arreado e os calços do motor já foram muito, (TOM) quando ela anda, bate mais biela que os ônibus que fazem Brasília - Rio - Como o tráfego é cutro êles poêm os piores. (TOM) Claro! se fôsse um percurso longo. (TOM) EUREKA. Mas sem me esquecer e voltando a operação desruggamento, a velha anda dizendo que já marcou a operação (TOM) Diz que vai tirar um pedaço do nariz (TOM) Velha fofqueira devia tirar um pedaço era da língua. (TOM) Está pondo uma banca! (TOM) Anda dizendo que quem vai operá-la é o Dr. José Lino (TOM) O Pitangui daqui (TOM) Ruim e é verdade, (TOM) E ela põe banca porque êle é mesmo formidável, faz verdadeiras maravilhas (TOM). Mas tenha paciência êle faz maravilhas que já vi. (TOM) Mas milagre, não. Duvido. Porque Ford 29 pode estar pintado, cromado, lubrificado, mas não deixa de ser calhamboque. No entanto a velha vive dizendo que vai sair do Distrital, um sinca. (TOM) Ai Jesus! Só falta dizer que vai sair Zero Kilômetro.

(TOM) Há de parecer que eu esteja a fazer uma fofoca ligeiramente. Mas não é não! É uma forrinha que eu estou a tirar. Porque lá no Rio eles tinham a mania de me gosar. Se na barreira do Vasco nascia um mulatinho e ninguém sabia do pai, olhavam prá minha cara e diziam: Viu. Viu o que é que os portugueses arranjam... No entanto aqui quase que não tem português, (TOM) entretanto nasce mulato todo dia.

(TOM) Graças a Deus os correios estão desmoralizados porque se funcinassem mesmo, era capaz de dizer que os filhos de Cabral funcionavam por correspondência. Como é sabido na época dos grandes navegantes partiam das ocidentais praias luzitanas e às vêzes por acaso descobriam alguma coisa e quem é que pode garantir que Portugal não tivesse descoberto a Grécia também. Mas daí dizer que Português é coruja e só gosta de andar de noite, é uma injustiça.

Como também, é uma injustiça a patroa, o patrão, as filhas, os maridos das filhas, incluindo os eventuais e os efetivos, dizerem que eu não casei com o parente dêles porque sou malcriada e rude. Que o rapaz tão bom, me ofereceu a mão e a fortuna. E eu burra não aceitei. (TOM) Queria que eu desse u'a mãozinha pró gafo. Prá que dar uma mãozinha prá quem tem u'a mão tão grande (ANTA) Tão pequenininho com u'a mão tão grande.

Ainda queriam me convencer que êle tem um grande futuro pois o estupoire, está esperando uma nomeação de um grande lugar que um deputado de muito prestígio junto a revolução, e cujo mandato foi cassado está a arrumar-lhe

Que o que está atzando um pouco, é que decretaram a prisão preventiva do tal e êle não pode sair ainda para tratar da nomeação, mas que dentro de 20-30 ou 40 anos tá publicada no Diário Oficial.

(INGENUA) Já pensaram na despesa que eu iria ter comprando o Diário Oficial todo dia?

Prá cima de mim não! Acha que eu vim prá Brasília prá quê? Ou será só eu que não mereço melhorar de sorte? Eles moravam numa cabeça de porco, aqui estão num apartamento. Elas dançavam na gafieira. Flor do Xexeu e hoje enchem a boca que só dançam no Jatrúz.

Lá levantavam mais cêdo prá cercarem o Taioba do Pedregulho, aqui o ônibus do Ministério vem a porta buscá-los e devolvê-los à domicílio.

Prá todo o mundo Brasília deu sopa será que só prá mim é que não sobra nem uma cansa magra;

ELETRICISTA = BLAKOUT
ORQUESTRA = (ACORDE MOTIVO PORTUGUES)

Q U A D R O

BURLETA DE UM FIM DE CARNAVAL

WANDERLEY MATTOS = PIERROT
 MARCOS LANDER = ARLEQUIM
 MAXIMA GOMES = COLOMBINA
 VICTOR SILVA = O PALHAÇO
 LACY ARAUJO = ZINGARA
 VERA LUCIA = PITONIZA
 SELMA COSTA = BAIANA
 BATLA FAKER = ODALISCA
 JANDIRA = ESCRAVA

Orquestra ataca a protofonia em Blakout e sob luz azul (pálida) a cortina vai abrindo lentamente. Pierrot aparece sentado triste e choroso (Lágrima na maquilagem) junto ao poste (TRAINER) de iluminação que ténue vai crescendo para o efeito de dia amanhecendo quando orquestra faz transição para clarina da momesca em B.G. dando idéia de aproximação de grupo fundindo com a introdução do primeiro tenso (Máguas de Pierrot).

Arlequim liderando o grupo que canta em côro:

BIS | Oh! máguas de Pierrot
 | Oh! máguas de Pierrot.
 | Em sonhos de confete e serpentina
 | Que no carnaval de um sonhador,
 | tem a sedução de Colombina.

- | | "

Eis a triste sina
 de Pierrot apaixonado
 Vive a sofrer
 Vive a chorar
 quando a vida ó cantar.

ARLEQUIM GARGALHA NA FUSÃO DA MÚSICA E CÍNICO INTERPRETA BUSCANDO NAS RIMAS AS TRANSIÇÕES DRAMÁTICAS.

ORQUESTRA B.G. BEM PIANINHO FAZ SONOFONIA PARA O ARLEQUIM.

Ah! Pierrot ridículo
 és o eterno apaixonado
 Vives sonhando um sonho de ternura,
 e um amor sem pecado.
 É muito triste Pierrot a sorte tua
 (ri) continuas o mesmo
 com os pés na terra
 e o coração na Lua.

CÍNICO

| Qual Pierrot és o eterno fantazista
 | que carrega num corpo robusto
 | uma pobre alma de artista.

E no entanto sonhas
 mas só no sonho Colombina é tua.
 Porque a verdade é triste e crua?
 Tú Pierrot, vives do mundo ausente
 preferindo ignorar que é a mim
 que Colombina quer exatamente.
 Isto porque Pierrot
 te prometes ternura e sonho apaixonado,
 eu sou Arlequim que em vez de sonho
 dou-lhe amor com gosto de pecado.
 Desista Pierrot
 desta ilusão vazia
 dêste martírio que é mais uma agonia
 que te consome agora
 tu és como uma legião de Pierrot
 que andam por êste a fora.
 Anda, soluça, chora!

(OLHANDO AO FUNDO) O pranto, Pierrot é tua sina.
 Oh! não! Olhe Pierrot, sorria.
 aí vem a tua Colombina.

ORQUESTRA ATACA O CANTO DE PIERROT. PIERROT LEVANTANDO CANTA:
 COLOMBINA FAZ MOVIMENTO ENTRE PERROT E ARLEQUIM, E PIERROT CANTA:

Amor enfim chegaste
 Prá alegrar meus sonhos
 na fria madrugada
 O sonho de Pierrot
 é quase um nada.

No sonho de Pierrot
A alegria triste
de um fim de carnaval

- | | -

Sonha é minha sina
Oh! Colombina, Colombina.
Não vês meu sofrimento
de um triste cantar
de um sonhador
de um sonhador
que pena por te amar
Choro cantando
Canto chorando

Pois sou Pierrot Pierrot

ORQUESTRA FAZ TRANSIÇÃO PARA TEMA DE COLOMBINA - COLOMBINA SOLTANDO-SE DE ARLE-
QUIN VAE A PIERROT E CANTA:

Sonhar, o teu destino é sonhar.
A tua vida é sofrer
Por um amor que não te quer
Enfim, se o sonho vem de uma mulher,
O amor real é de Arlequin....
E de Pierrot é sofrer...

Porque sonhar Pierrot
Com este amor-fantasia?
Em amor não há piedade.
Pois a vida é sempre assim.
Todo o sonho tem um fim.
Todo o sonho é quimera.

Que não vale a pena sonhar
E porque vives na vida sonhando?
Mil ternuras dissipando?
O teu mal é sonhar, sonhador,
E na vida chorar por amor.

! : ! : !

COLOMBINA -
DUETO -

Sonhar é tua sina.
Oh! Pierrot Pierrot
Não vês teu sofrimento
que vae no lamento
de um triste cantar
de um sofredor
de um sonhador
que pena por me amar
Chorar cantando
Cantas chorando
Pois és Pierrot Pierrot.

C O R T I N A D O C É U

SURGINDO DO FUNDO DA PLATEIA MUCURY ENTRA NO ESCURO DE CAMISOLÃO, CABELEIRA CALVA, CAVINHAQUE E BIGODE. PORTANDO TRAINEL CUJOS DIZERES: "GTE DO CEU" VEM CONTRA O PEI TO SE APARECENDO QUANDO COLOCADO NO PALCO.

MUCURY = Prá que mudar a Capital do Céu? Dá um trabalhão miserável. Distribuir nuveis prá anjo Deputado, santo Senador, espírito Barnabé, Serafim e Gurubins secretários. Ninguém nunca está satisfeito. Todo mundo quer isto, quer aquilo. É muito dura a missão do Grupo de Trabalho de Deus. (ANUNCIANDO) Quem é o principeito? Vamos chegando porque a data da mudança está marcada para o dia 41 de Feixil. Não nos façam adiar a mudança. Quem é o primeiro?

VITOR = (CAMISOLÃO) Dá licença, posso entrar?

MUCURY = Vamos acabar com a hipocrisia, onde já se viu, o homem já tá dentro e pede licença prá entrar.

VITOR = E que eu fui transferido prá cá.

MUCURY = Explique melhor. Foi transferido ou é voluntário?

VITOR = Bom eu sou voluntário, vim de livre e espontânea vontade dos outros, porque por mim eu ainda estava lá.

MUCURY = Já sei! Agora o senhor quer uma nuvem.

VITOR = Mas que não seja uma nuvem pequena.

MUCURY = (INTERCEPTA) Que não seja longe, que seja, digamos assim de uns 8 ou 10 camadas almofadadas, estofadas. Que seja no braço sul. No braço norte o senhor não quer?

VITOR = Há, o senhor compreende dizem que as núvens do braço norte não são grandes nem muito confortáveis. Não são grandes coisas e balançam muito...

MUCURY = ... e que não são muito seguras, estão prá cair a todo instante que de vez enquanto tem-se que mandar colocar escoras porque elas começam a rachar. E balançam, balançam e às vezes cai.

VITOR = Mas o senhor compreende, eu preciso de uma nuvem confortável.

MUCURY = é assim, todo o mundo está atrás de conforto (PARA VITOR). Mas o senhor não sabe a falta de núvens que tomos. É um sacrifício distribuir núvens prá todo o mundo, porque ninguém está satisfeito com a distribuição.

As quotas já estão esgotadas.

VITOR = Mas não vão construir mais?

MUCURY = Sim isto é pensamento. Podendo construir, quando e como ninguém sabe, talvez dentro de um ou dois séculos eles comecem outra vez.

VITOR = Nós precisamos encontrar aqui, pelo menos o que deixamos lá em baixo.

MUCURY = Ah! Isto é impossível. O Senhor quando veio transferido devia vir com espírito de renúncia, com certa dose de sacrifício.

VITOR = Mas é um absurdo.

MUCURY = É bom não brenquiar, porque aqui é tudo na base da Lei do Louro.

VITOR = Lei do Louro?

SUCURY = Sim! Ou topa ou desce (parágrafo único).

VITOR = Não está certo, mas mandaram prá cá e não nos deram pelo menos um pouco d'aquilo de que nós dispúnhamos. Eu morava no rio!

MUCURY = No Rio! Que Rio?

VITOR = (VAIDOSO) Rio de Janeiro.

MUCURY = Você está enganado. Aquêlo Rio que passa nos fundos da tua casa não é de janeiro, nem de fevereiro, março ou abril, aquêlo é o rio Herety (PA'ISA) convenhamos: a distância do rio Herety ao Rio de Janeiro é tanta como daqui ao inferno.

VITOR = Quer dizer ontão que eu não vou encontrar as coisas que eu tinha lá?

MUCURY = Claro! Aqui você não vai encontrar aquêlo trem do Rio D'ouro prá andar dependurado e um dia cair, como caiu e veio bater aqui.

VITOR = Aqui não tem estrada de ferro não?

MUCURY = Bom! Andam dizendo que êsse trôço vai chegar aqui.

VITOR = Ah! Quando?

MUCURY = Já! Já! Quando eu não sei, ninguém sabe, todos afirmam, ninguém acredita no que afirma, talvez não demore, talvez não chegue nunca. Isto depende muito.

VITOR = Depende muito de que?

MUCURY = De nada. Mas como tudo aqui, é muito, e muito é nada, todo nada é muito, todo muito é nada. É uma farsa de deixar como tá. De vez em quando lembra, mas quase sempre esquece

MUCURY = E Como! (CANÇÃO)

VITOR = Eu não deixei de ir um só dia.

MUCURY = Claro! Tu chegavas de madrugada e a tua mulher estava na estação

VITOR = Me esperando com a marmita embrulhada.

MUCURY = Ai, tu trocavas de marmita e... pegava o trem de volta.

VITOR = SIM! Mas antes eu batia um longo papo com a patroa

MUCURY = Longo! 3 minutos. O tempo que o trem parava.

VITOR = Mas nós aproveitávamos um bogado êste tempo.

MUCURY = E mesmo? Quantos filhos você deixou lá em baixo?

VITOR = (SÓ CONTANDO - LOCOMOTIVA)

Raul - Raquel - Renato - Rubinho - Raulino - Rodolfo - Ronaldo - Ranulfo - Roberto - Ricardo - Rogério - Rafael - Relina - Rosária - Romualdo - Rosilda - Rosa - Renato - Rosita - Rita - Ruth - Regina - Renan - Renê - Raul - Ruy

MUCURY = Vê-se que o tempo era muito bem aproveitado seu Coelho.

VITOR = Como é que o senhor sabe que eu me chamo Coelho.

MUCURY = Pela velocidade.

VITOR = Eu sempre gostei de andar depressa.

MUCURY = Vê-se logo quando o senhor apita na curva, já chegou na estação. Francamente, a tua mulher tinha mania de locomotiva. Qual é o nome dela?

VITOR = Leopoldina!

MUCURY = Mas aqui não tem nada disso.

VITOR = Não vou ter a minha Leopoldina?

MUCURY = Nem Leopoldina, nem central, nem Mogiana.

VITOR = E como é que eu vou me arranjar?

MUCURY = T.C.B.

VITOR = T.C.B.? O que é isto?

MUCURY = Você recebe um par de azas e vai batendo por ai.

VITOR = Vou voando batendo em qualquer um?

MUCURY = Em qualquer um não! Tu escolhe.

VITOR = Eu posso escolher a nuvem que eu quiser?

MUCURY = Não! Porque justamente a nuvem que você escolher, já está escolhida.

VITOR = E onde é que eu vou ficar?

MUCURY = Naquela casa alta lá longe (APONTA.), lá no fim.

VITOR = Lá no fim do mundo?

MUCURY = Não! No fim do céu.

VITOR = Lá onde está aquele Sobradinho?

MUCURY = É ali mesmo.

VITOR = Então eu vou continuar na mesma coisa.

MUCURY = Exato! tôda noite tu chegas lá de madrugada e volta pro acoplamento no pilatos.

VITOR = Eu fico na mesma, que vantagem eu levo nisso?

MUCURY = Tempo! Tempo!

VITOR = Tempo!

MUCURY = Sim, tens mais que três minutos.

VERA E BATIA = (Entrando)

MUCURY = Até que isto começa a virar céu.

BATIA = Eu quero uma nuvem bem grande. Quero uma nuvem confortável com vista para...

MUCURY = O lago ou o Palácio.

VERA = Eu quero uma nuvem muito mais melhor do que a dela.

BATIA = Não! A minha tem que ser melhor.

VERA = Nada disso aqui eu tenho que ser matriz, lá eu era filial e era chato.

BATIA = Gracinha aqui é um prolongamento, tu continuas filial e eu matriz.

ATOR = Nada disso eu sou o dono da firma e quem decide quem é matriz ou filial sou eu.

VERA = Bem feito, você tá pensando que aqui é Brasília, que tu ficavas na 106 e eu no J.K.

BATIA = Afinal eu casei primeiro

VERA = E eu depois, mas em tôda parte a ordem dos fatores não altera o produto.

MUCURY = Vamos parar com esta Candangada afinal tôdas casaram e deixaram cada uma seu marido.

BATIA = Não senhor o marido é um só meu e dela.

ATOR = Que cara de sorte ficou livre das duas numa hora só.

VERA = E agora! Nós queremos uma nuvem cada uma.

ATOR = Já vi tudo, vieram segurar as nuvens do gajo que ainda não veio: Olha dona cidade temos muitas nuvens em construção e por enquanto estamos alojando duas pessoas numa nuvem só.

VERA = Mas com ela eu não fico.

ATOR = Nesse caso (OLHA P/ VITOR) você é que tem que colaborar. Vocês ficam naquela nuvem ali.

VITOR = Vamos depressa (SABE) com Vera.

ATOR = E agora a senhora

VITOR = (NA CORIA) IMITA TREM COM NOMES.

BATIA = O que é isto?

ATOR = É que êle tá prosseguindo viagem.

BATIA = Eu adoro viajar

ATOR = Nesse caso eu deixo de ser guarda chaves e viro maquinistas. Vamos direto a Pirapora.

B L A K O U T. - E AO ACENDER NOVAMENTE CORTINA ABRE PARA O SAMBA FALADO - LACY E MENINAS.

SAMBA FALADO

Ora vejam, que samba legal.
Tem um balanço que é infernal.
Bem na cadência do meu rebolado.
E samba da moda,
E samba falado.

Vou sambar ...
Vou sambar ...
Vou sambar ...
O samba da moda
Eu vou sambar

Mexe prá cá ...
Mexe prá lá ...
Essa é a bossa do samba falado
Mas olhe, seu moço,
Tome cuidado!
Não ponha a mão beba no meu rebolado.



14

GIGANTE OU PIGMEU
MONÓLOGO

ATOR ENTRA COM REVOLTA AFIM BUSCAR O IMPACTO TRASANDO ROUPA DE TRABALHADOR "CANDANGO" PERGUNTANDO AO PUBLICO E TRES DIREÇÕES.

- (Despreso) Quem foi ? Quem foi?
- Quem foi que disse: (Tom) Que em Brasília Tudo é grande, (Tom) só o Homem é Pequeno.
- (Cresce) - Quem foi?
- (Revorta) - Eu quero responder-lhe ...
de que forma nao Sei
- (Cresce) - Porque deve ser cego, Surdo, Mudo e o que é Pior; Covarde.
- (Estende) - Covarde na sua Pequenéz.
Desgraçado na sua investa.
Mesquinho no seu despeito.
- (Exalta) Mais que Miope. Porque não vê a Reprodução Da Imagem de Euclides. (Tom) És o Pior dos Cegos Porque nao queres ver, que o Candango, antes de ser um forte, é um Gigante.
Cégo ! Porque não quis ver o Candango que como num Passe de Mágica só possivel aos grandes num Paiz de Gigantes fazer em tao pouco tempo Esta cidade que quer queiram,
- (Vai Subindo) Quer não queiram, É muito mais que Capital. Mais que berço de um Novo Continente e sim uma Plataforma Cosmica, só possivel num Pais que se levanta Grandioso e que caminha Gigantesco, impavido e Viril
Para a liderança dos dias que Hao de vir
Para a potência que se chama BRASIL.
Surdo Moco e Louco !
Apatico e invejoso..
- (Transição)
(Épica) Não tiveste a felicidade de ouvir Num concêrto de trabalho os passos de Gigantes, construindo tudo num nada e do Nada fazendo um Tudo.
Oh! Surdo! Não ouvistes.
Oh! Cego ! Não vistes
Oh! insensível!
Será que não sentiste os Gigantes Sacudindo um Planalto?
Elevando este Pais aos olhos do mundo Num conceito mais alto ?
Oh! Retardado. Embotado
Nao aprendes-te a lição
Que Gigante Candango simples e arisco Procurou te ensinar
Que o Brasil nao é Marisco
Que só vive na Beira Mar?
Deixe o Mar ! Ele está Bem Guardado
Ele continua sendo amado.
Por marinheiros. Pescadores e Jangadeiros
Ninguem Pensa em abandona-lo por lá
Olhe nas salinas os salineiros
Secando o alvo lençol que o mar nos dá.
- (Estende) Mas deixe, não detenha a cabra da Peste.
Na sua marcha para o oeste.

Desista dos Argumentos tão banais
 Porque o Brasil crescendo por dentro,
 Crescerá por fora muito mais.
 Vê que a fôlha nao vive sem orvalho!
 e Aprenda que este povo só e Feliz
 Quando há trabalho.

Faça do Exemplo Candango
 á sua escola,
 Prefere a renúncia, voltar a origem
 e Jamais aceita esmola.

(Trans) É o seu orgulho que o faz Partir.
 Pois quem sabe fazer,
 Nao aprende a pedir ! ...

(P/Publico) Querem um exemplo?
 Uma apoteose u'a Maravilha?
 Proponham ao Candango
 Fazer outra Brasília.
 (Tom) Ele ha de se negar

Valente e altaneiro
 Respondendo simplesmente:
 Acabem esta primeiro.

(Desdem)
 (cresce) Se não podem, saiam do caminho
 Se não querem, andar prá DIANTE...
 Se nao sabem trabalhar, se afastem
 Porque já nos ajuda bastante
 Quem não atrapalhar.
 O que começamos,
 Nos acabamos

(sobe) E depois nossa gente
 Marchará para frente
 crescendo o Brasil
 Valente com fé
 Ligando num todo
 Manaus a Babé
 e acordarão espantados
 Surpresos Pasmados
 ao verem que do literal a fronteira
 Faremos uma Avenida
 Ligamos o Chaco a Mantiqueira
 Aí então verão
 que Brasília é bem pequena aos olhos seus
 e que o Candango, é mais que Gigante
 é quase um Deus

(P/Público) E agora meu amigo
 Veredicto e seu..
 Responda ao despeitado
 Quem é o Gigante e quem é Pigmeu.

ELETRICISTA =

BLAKOUT.

ORQUESTRA =

ATACA INTRUDUÇÃO DA CANÇÃO DE MAXIMA.

13/

E ELE BAIXOU -
QUADRO COMICO -

WANDERLEY = MARIA LINA = VÍTOR -

MARIA LINA ENTRA ASSUSTADA NO PALCO E ESBARRA EM VITOR =

VITOR = O que é isto dona Vivalda a senhora parece que está assustada.

M. Lina- Assustadíssima

Vitor - Porque.

M. Lina- Ele está baixando demais, seu Hercu les.

Vitor - O que é que está baixando ? Será o custo de vida?

M. Lina- Não ! É o espírito do meu falecido que está baixando mais que o cruzeiro.

Vitor - Não exagere dona Vivalda.

M. Lina - E ele baixa tãda hora:

Vitor - Deixa comigo eu sei botá espírito prá correr (MOSTRA O FÍSICO) Afinal eu chamo hercules não é atoa. Eu sou bravo, não tenho medo de assombração não

ORQUESTRA DÁ EFEITO DE TROVOADA - WANDERLEY O ESPÍRITO APARECE AO FUNDO DO PALCO.

WANDERLEY - (TOSSE)

Vitor - (Treme apavorado)

Wanderley- Vivalda

M. Lina - O que é Nélio, meu marido,

Wanderley- Quem é esta coisa que está valente aí?

Vitor - (Treme)

M. Lina - Ele é Leão!

Wanderley - Leão coisa nenhuma, isto é um rato uma minhoca.

Vitor - Sou sim, sou sim.

Wanderley- Vivalda! Isto não é Leão coisa nenhuma.

M. Lina - É Leão sim. Leão de chácara da Escola Parque.

Wanderley- Vivalda eu tô te manjando.

M. Lina - Nélio mei marido !

Wanderley- Vivalda tu não tomas jeito.

M. Lina - Ah! Nélio dá uma folga, vae baixar noutro terreiro.

Wanderley- Não posso baixar noutro terreiro Vivalda.

M. Lina- Porque Nélio?

Wanderley- Porque eu ainda bem não baixei os cambonos ficam gritando: lá vem êle, lá vem êle, lá vem êle.

M. Lina - É que você é muito popular.

Wanderley- Popular! Vê Vivalda! Eu eu devo a você tanta popularidade.

M. Lina - Nélia vê se te manca e deixa a barra livre.

Wanderley- Vivalda descance um pouco.

M. Lina - Me admiro muito, você sabe que eu não sei viver sem trabalhar.

Wanderley- Mas você não descança nem domingo.

M. Lina - Prá que ! Domingo é um dia como ou tro qualquer.

Wanderley- Vivalda eu hoje passei numa nuvem e conheci um cara que acha que é teu bisavô.

M. Lina- Qual? O pai da mãe do meu pai, ou o pai da mãe da minha mãe.

Wanderley- Coitado ! Ele também está na dúvida. Êle não tem certeza, não sabe mesmo se é pai de ninguém.

M. Lina - Nélio ! Você perguntou a êle se a minha bisavô era assim como eu?

Wanderley- Igualsinha a você e eu igual a seu bizavô, nunca soube de nada, fui sempre o último a saber.

M. Lina - Ah ! Nélio! Eu fiquei viúva e vivo tão só.

ORQUESTRA = RAIOS = TROVOADAS

M.Lina - Tão direitinha.

ORQUESTRA = IDEM

M.Lina - Tão honesta.

ORQUESTRA = IDEM C/AUMENTO.

Wanderley- Pára Vivalda. Pára Vivalda. Pára Se não o céu vem a baixo.

M.Lina - Nélio, não seja tão intransigente.

Wanderley- Eu intransigente. O Plano Pilôto to do sabia que eu era conformado.

M.Lina - Pois é o que me admira você estar intransigente.

Wanderley- É que tem uma coisa que eu ainda não me conformei.

M. Lina- O que é Nélio.

Wanderley- É que lá em casa o fogão não é a gás.

M.Lina - Nélio.

Wanderley- Eo ferro não é elétrico?

M.Lina - É o que tem isto.

Wanderley- E porque é que o cavoeiro vivia lá em casa?

M.Lina - Nélio! Então não lembras que eu colaborei tanto na campanha de alfabetização de adultos?

Wanderley- De adultos não é Vivalda.

M.Lina - Nélio você nunca foi assim.

Wanderley -Vivalda diga-me uma coisa, o cavoeiro era analfabeto.

M.Lina - Bem, não era de todo analfabeto, mas era adulto.

Wanderley- Vivalda, como vae o teu carnet?

M.Lina - Qual?

Wanderley- Eu esqueci que você sempre foi exagerada e não ficaria com um carnet só.

M.Lina - Nélio! Esta aurela na tua cabeça fica tão bem.

Wanderley- É de atarracha, ela sai! (Levanta aurela).

M.Lina - E de atarracha, é mais pratico não querido?

Wanderley- Vivalda! Como tens te arranjado sem o papai?

M.Lina - Como sempre dando duro. Você sabe que eu tôda vida trabalhei dia e noite.

Wanderley- É verdade lá no bloco todos diziam que você ara a maior em extraordinários.

M.Lina - Nunca perdi hora extra.

Wanderley- Vivalda você ainda pega muita carona no carro do Rodrigues?

M.Lina - Nélio então tu não sabes, o Rodrigues tá a pé. Foi caçado.

Wanderley- (RI) Ah! Ah! Eu vou rir na cara dele quando chegar aqui.

M.Lina - Querido você não entendeu bem eu disse (PAUSADAMENTE) caçado.

Wanderley- Puxa! Vivalda eu entendi outra coisa. Eu juro que ouvi você dizer casado.

M.Lina - Nélio fizeste muitas amizades aí?

Wanderley Muitas aqui. Tem muita gente boa. Eu então sou o mais popular, todo mundo me conhece, pois quando eu voou de uma árvore de uma nuvem prá outra é uma alegraria.

M.Lina - Porque?

Wanderley- Todos gritam, lá vem êle, lá vem êle.

M.Lina - Nélio eu sinto tanto a tua falta, eu vivo tão sôzinha.

ORQUESTRA = (TROVOADA ENSSURDECEDORA).

15/ ELETRICISTA= EFEITOS E RAIOS E BLAKOUT TOTAL, MANTENDO ATÉ O FIM DO SCHEFF.

M.Lina - O que foi isto Nélio! O D.F.L. Pifou.

Wanderley - Não! Foi o céu que desabou.

ORQUESTRA = CORTE. -

EUCURY Entra bem maltrapilho, se puder simular uma queda melhor ainda.
A calça atrás rasgada.

MONOLOGA = Puxa eu tenho caído tanto que nem estranho
mais uma queda, meu Medo e subir, porque sem subir a muito tempo eu caio
toda hora.

Vejá o meu estado, retrato de opulência. Claro eu sou opu
lento de miséria.

Acho que é influência do nome. Meu nome e cruzeiro.
Como né debocham. Mas a minha decepção maior foi quando eu
fui a bolsa (CANTA).
Com MÚSICA DE:

"ÚLTIMA ESTROFE".

A bolsa estva assim super lotada
quando a voz tão debochada
Eu ouvi do lançador.
Nas cifras que gozava a ironia
Ele rindo então dizia
do fracasso de um valor.
Falava de um dinheiro araqueado
do cruzeiro desgraçado
Cujá queda não tem fim.
E desses gritos de tormento
Eu guardarei no pensamento
Uma estrofe que era assim:
Dólar! Vinha perto e derrocada
Quando em ansia alucinada
Algun eu te tomei
Que pendura desgraçado
Sempre sempre renovado
E no entanto não paguei.
Dólar, hoje eu vivo tão baixinho
ao ralento caidinho
Na esperança mais atroz
De que cantando bem baixinho
Seu bulhões dará um géitinho
Escutando a minha voz.
A estrofe derradeira merémórea
Revelava toda a história.
Do cruzeiro que se perdeu
E o Dólar que gozava com certeza
Da desgraça da pobreza
Entre as nuvens se escondeu.
Dólar vais assim sempre subindo
minha história é caindo
Meu valor não é nenhum
Disse eu já bem fraquinho
E ele então disse bonziño
Já lhe mando mais algum.
Dólar já estás quase nos dois mil
meu valor é quase vil
Dessa vez eu me danei
Pois na bolsa do mercado
Sempre sempre fracassado
Que a cair me acostumei.
Dólar hoje eu vivo envergonhado
Sempre desvalorizado
Na esperança e sensatez
De que agonizando comportado
Seu bulhões penalizado
Me liquide de uma vês.

MONOLOGA | Puxa eu tenho pássado tão mal, me sentindo tão
fraco que resolvi até consultar um médico. Me indicaram um especialista
um tal de Dr. Godim.

O Dr. Godim me examinou fêz uma porção de radiografias e
diz que eu já não tenho mais nem lastro! E se lastro é fundo (VIRA) eu
não tenho mesmo.

ORQUESTRA = CORTE.

VOZES D'ALMA CANDANGAParodiado Castro Alves

Senhor ! Ó Dom Bosco! Onde estás que não respondes.
 Em que sonho, em que estréla tu te escondes.
 Estás sonhando nos céus?
 Há quando tempo te mandei meu grito,
 Candango aflito, abandonado e toltó,
 que enbalde percorre o infinito ...
 Onde estás ? Oh ! Sábio Santo!
 Qual prometeu, tu me amarraste um dia,
 no planalto, é éxtensa cerrania.
 Infinita Galé!...
 Por abutre-me deste o sol ardente,
 e a terra de Goiás- fói a corrente
 Que me ligas-te ao pé.
 Oh ! Santo Visionário imortal
 Vê no espectro da minha figura
 a imagem sepucral.
 Otrator parado do pioneiro
 ao abandono enferruja por inteiro
 e morre, sucumbe no cascalho.
 Onça a escavadeira muda e fria
 ela soluça em agonia
 nos reclames de trabalho.
 Oh ! Santo eu sou á alma Candanga
 meu nome é Brasília.
 Oh ! Santo no sonho eu fui promessa e maravilha
 fui anseio de gerações futuras
 fui enamorada do mundo
 Terra eleita de Deus!
 Oh ! Santo sonhador ! Qual foi o meu pecado
 Porque me tornaram filha deserddada
 Explique Sábio Santo porque o fado,
 o fado triste de repudiada?
 Não terei por acaso um seio fecundo,
 para continuar a continuação do mundo?
 Minhas irmãs são belas e são ditosas.
 A Guanabara dorme nas sombras voluptosas
 Sedutora e vaidosa.
 Herdeira que abdiçou por convenção
 Mas sua vocação, é rainha,
 por isto não o fês de coração.
 São Paulo, mano enérgico e bondoso
 permanece firme e operoso
 Continua a ser o morgado da família
 mantendo a fumaça nas chaminés
 e todo trabalho da cabeça aos pés
 Veste e compoem a mana caçula - Brasília.
 Minas, minha rica e fecunda irmã
 Vive a grandeza do passado e a tranquilidade do amanhã
 Numa estranha mistura e beata e cortezã
 talvez não sinta, como eu o desejo aflito
 de ver de volta seu filho maior
 e mais querido que está procrito.
 Mas eu Senhor.... Eu triste e inacabada
 Em meio ao planalto abandonada
 estagnada marcho em vão
 tendo a alistar-me caranguejos e profusão
 sofrendo a cada instante
 o ataque de uma fera
 que deseja aniquilar-me, amedrontar-me ou bunir-me.
 Oh ! Sábio Santo !
 Como me cança este compásço de espera
 Eu não pedi para nascer...
 e, no entanto me trouxeram á vida
 com destino pré determinado.
 E, se é, que alguém errou,
 Porque eu? Deva sofrer e carregar
 o estigma e a fecha de ser o fruto do pecado ?
 Porque ? Porque?
 Porque me taxam de filha espúria?
 Porque me atacam com inveja e fúria?

Se eu nasci sem mácula e cheia de encanto,
na suprema bondade de um sonho de santo!
Porque Sábio santo.

Se na santa visao eu fui estrêla de um mundo novo
e supremo anseio de todo um povo.
É por isto que lanço aos céus a minha Candanga - Voz
meu grito desesperado e aflito
na esperança de que em qualquer parte do infinito
o meu brado chegue até vós.

Pois a minha fala Candanga
é uma multicolor,
é loira, morena, parda, negra
amarela e tôdas as outras
que em mil raças encerra
e compõem o colorido da minha terra.

A minha voz sábio santo
é um cadim divino
onde cada estrangeiro faz comum seu destino.

Que importa se êle veio da Ásia
da Europa, da África
Dos Alpes gelados ou do Árido deserto
se Aqui se torna Candango por certo.
Candango estrangeiro
que se mistura, se funde
com o Candango brasileiro.

Oh! Sábio Santo.

A alma candanga reclama letargia
e anseia o vigor, o trabalho
a operosidade que nêste planalto havia.

Oh! Sábio santo

Faça renascer de novo
na terra que há de correr leite e mel
tôda a obstinação, intransigência e constância de Israel.
Nos devolva a audacia temeraria
o arrôjo e aquele coração
que tombou nas selvas com Sayão
Que resurja outra vez o humanismo
feito em Ernesto todo o idealismo.

Que as estradas que não de vir
terha a frente um vulto de limpo tão bom quanto Moacyr.

Oh! Dom Bosco! Oh! Sábio santo.

Oh! Mestre educador. Oh! Profeta gentil
devolva ao meio seio aquêlee encanta
que fêz o mundo olhar com espanto
para o coração do Brasil.

Que eu volte a ser a Colmeia obreira
nervosa, arisca, ligeira
Cidade Mulher de um povo Viril.
De um povo ordeiro que ama, com fé
que se chama Candango que é glorioso
Sem saber que o é.

Oh! Sábio santo

Ouvi meu grito.

O brado Candango, o ai aflito
de um povo que só chama por labores
e que em mil linguas te cantam louvores
e ao trabalho dedicam amores
com tôdas as graças
misturando mil linguas
Candangos de tôdas as raças.

Oh! Dom Bosco abençoi esta vã vaidade
êste orgulho profundo
que tem a voz Candango
de ser BRASÍLIA DE TODO MUNDO.

ORQUESTRA ATACA INTRODUÇÃO DO FINAL.
MAQUINISTA ABRE AZUL.
ILUMINADOR - FECTA DE CORES ELENCO.

18

TODOS CANTAM =

Gente que vem de outras terras,
Que vem de outros Mares.
Com outros labores
e outros Cantares
Ora, seja benvinda de todo o Coração
Gente de crença diversa,
Diversa de Raça,
Que traz um anseio que a todos enlaça
Ora, seja benvinda de todo coração
E venha ver o que é maravilha,
Que mil encantos encerra,
Amando tanto esta terra,
Que faz a dadivosa promessa
Dêste berço de esplendores
Brasília, dos meus amores.

F I M.

C A I O P A N O.

19

